

**TURRIDAE (MOLLUSCA, NEOGASTROPODA, CONOIDEA)  
COLETADOS NO LITORAL SUDESTE DO BRASIL,  
PROGRAMA REVIZEE “SCORE” CENTRAL**

**Ricardo Silva Absalão<sup>1,2</sup>  
Alexandre Dias Pimenta<sup>1</sup>  
Carlos Henrique Soares Caetano<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Foram identificados um total de 105 táxons compreendidos em 51 gêneros e 11 subfamílias. Dentre esses, 16 espécies e sete gêneros são, pela primeira vez, registrados para o Brasil. Além disso, 18 espécies previamente conhecidas para a costa brasileira, ampliaram seus limites meridionais (17) ou setentrionais (uma) de distribuição geográfica. Cerca de 40 taxóons permanecem sem identificação específica, o que indica a dificuldade de trabalhar-se a taxonomia da família Turridae Swainson, 1840, e também o potencial de grande número de espécies não descritas.

**Palavras-chave:** biodiversidade, Brasil, moluscos marinhos, taxonomia, Turridae.

**ABSTRACT**

**Turridae (Mollusca, Neogastropoda, Conoidea) collected at southeastern Brazil, REVIZEE Program Central “Score”**

A total of 105 taxa comprising 51 genera and 11 subfamilies were identified. Within these, 16 species and seven genera are for the first time recorded from Brazil. Besides that, 18 species previously collected along Brazilian coast have their geographical range expanded to the south (17) or northward (one). The high number of taxa without specific identification (= 40 taxa) partially reflects the difficulty of working in the taxonomy of Turridae Swainson, 1840 as well as the potential of high number of undescribed species.

**Key words:** biodiversity, Brazil, marine molluscs, taxonomy, Turridae.

**INTRODUÇÃO**

O Programa REVIZEE (Programa de Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva) foi criado em 1994 pela Comissão Interministerial para os Recursos do Mar com o objetivo central de levantar dados biológicos, geológicos, físicos e químicos da Zona Econômica Exclusiva do litoral do Brasil (até as 200 milhas marítimas) e assim, garantir os direitos de soberania na exploração dos recursos marinhos, atendendo a Convenção das Nações Unidas sobre o direito do Mar (LAVRADO,

2003). Com finalidade operacional, a costa foi dividida em quatro “Scores” de acordo com características geomorfológicas, sendo que o “Score” Central abrangeu desde Salvador (BA) até o cabo de São Tomé (RJ), incluindo a cadeia de montes submarinos Vitória-Trindade. De 1996 até 2002, foram realizadas quatro campanhas de bentos nessa região: Central I (1996, fase pré-operacional), Central II (1997), Central V (2001) e Central VI (2002), com profundidades variando de 23 m até 2076 m.

Nas campanhas cujas amostras foram inteiramente processadas até o momento (Central I, II e V) foram

Recebido em: 07.12.04; aceito em: 09.03.05.

<sup>1</sup> Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, C.C.S., Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ilha do Fundão, CEP 21941-590, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Departamento de Biologia Animal e Vegetal, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Av. São Francisco Xavier, 524, Maracanã, CEP 20550-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

realizadas 168 estações de coleta, das quais moluscos estiveram presente em 153 estações, distribuídos entre mais de 800 táxons (ABSALÃO, 2003). Dentre eles, a família Turridae Swainson, 1840 destacou-se por sua elevada abundância, frequência e riqueza de espécies (por exemplo, 15% do total dos gastrópodes identificados são turrídeos).

Os turrídeos constituem a principal família de moluscos marinhos em número de espécies, com mais de 670 gêneros (BOUCHET, 1990), divididos em 17 subfamílias (TAYLOR et al., 1993). Estão presentes em todo o mundo, ocupando uma variedade de ambientes bênticos, desde o infralitoral raso até profundidades abissais (BOUCHET; WARÉN, 1979, 1980). Tradicionalmente, a família Turridae é tida como uma das mais confusas taxonomicamente, sendo que as classificações existentes são baseadas, quase que inteiramente, em caracteres da concha, opérculo e rádula (TAYLOR et al., 1993), contudo, não há um consenso sobre a importância taxonômica relativa desses caracteres em sua classificação. Taylor et al. (1993) apresentaram a primeira proposta de relacionamento filogenético entre os Conoidea, baseada em caracteres da concha, opérculo e a parte anterior do tubo digestivo, tendo concluído sobre o parafiletismo de Turridae e proposto mudanças substanciais na classificação dos Conoidea. No entanto, Rosenberg (1998) detectou uma série de interpretações equivocadas na análise de Taylor et al. (1993) e demonstrou não haver base, ainda, para abandonar a classificação tradicional do grupo (e.g. POWELL, 1966; McLEAN, 1971).

Embora a família Turridae tenha sido extensivamente estudada no Atlântico oeste (LYONS, 1972; TIPPETT, 1995; ROLÁN; ESPINOSA, 1999), Europa (BOUCHET; WARÉN, 1980; AARTSEN et al., 1984), costa oeste dos Estados Unidos (McLEAN, 1971), Indo-Pacífico (POWELL, 1964; CERNOHORSKY, 1985; KAY, 1990), Austrália e Nova Zelândia (HEDLEY, 1922; LASERON, 1954; MACPHERSON; GABRIEL, 1962; WELLS; BRYCE, 1988; WELLS, 1991), costa oeste da África (ROLÁN; OTERO-SCHMITT, 1999; ROLÁN; BOYER, 2001) e África do Sul (KILBURN, 1983, 1985, 1986, 1988, 1989, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995), os poucos trabalhos que abordaram espécies da família no Brasil, se resumem a catálogos gerais de moluscos marinhos (LANGE DE MORRETES, 1949; RIOS, 1970, 1975, 1985, 1994; LEAL, 1991), registros de ocorrência de espécies (RIOS, 1983; MELLO, 1993; MELLO et al., 1994; MELLO; BARROS, 1994; BARROS, 1994a, 1994b; BARROS; JONAS, 1997; BARROS et al.,

2001) ou, a poucos trabalhos de descrição de espécies novas (TIPPETT, 1983, 1995; SIMONE, 1999).

Neste trabalho, apresentamos um levantamento dos Turridae coletados pelas campanhas do Programa REVIZEE "Score" Central, de 1996 até 2001.

## MATERIAL E MÉTODOS

Os dados utilizados neste trabalho foram obtidos no âmbito do Programa REVIZEE, com recursos e meios disponibilizados pelo Comitê Executivo para o REVIZEE, colegiado coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente e vinculado à Subcomissão para o Plano Setorial para os Recursos do Mar, da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. O material malacológico estudado foi constituído de conchas vazias, porém em bom estado de conservação e, embora a utilização de conchas desprovidas de partes moles possa suscitar, num primeiro momento, dúvidas quanto à adequação dos presentes dados como base para estabelecer registros de caráter geográfico, Absalão et al. (1999, 2003) têm adequadamente respondido e esclarecido essa questão. Esse material foi proveniente de três campanhas oceanográficas designadas como: Central I, em 1996 parcialmente a bordo do Navio Oceanográfico Antares e do "supply-boat" Astro Garoupa; Central II e Central V, em 1997 e 2001, respectivamente, a bordo do "supply-boat" Astro Garoupa. Foram utilizados alguns lotes adicionais oriundos das campanhas Bahia 2 (2000), a bordo do Navio Oceanográfico Thalassa, e da Central VI (2002), a bordo do "supply boat" Astro Garoupa. Para a obtenção das amostras foram utilizadas: draga retangular, busca-fundo do tipo "Van veen" e "Box-Corer".

REVIZEE CENTRAL I: 2 (22°23' S, 37°35' W, 91m), 31/ii/1996; C61 (20°30'22" S, 37°19'03" W, 88 m), 24/iv/1996; C62 (20°30'01" S, 37°28'30" W, 96m), 25/iv/1996; C63 (19°40'25" S, 38°08'09" W, 61m), 25/iv/1996; C65 (18°53'10" S, 39°06'13" W, 50m), 25/iv/1996; C66 (18°20'28" S, 38°55'34" W, 41m), 26/iv/1996; C67 (17°58'01" S, 38°41'27" W, 12m), 26/iv/1996; C73 (16°24'57" S, 38°18'10" W, 80 m), 29/iv/1996; C74 (16°07'43" S, 38°30'15" W, 33 m), 29/iv/1996; C76 (15°53'49" S, 38°31'05" W, 66 m), 30/04/1996; D1 (22°48'43" S, 41°09'19" W, 69 m), 23/ii/1996; D2 (22°53' S, 41°09' W, 82 m), 23/ii/1996; D3 (22°52' S, 41°09' W, 80 m), 23/ii/1996; D6 (22°18' S, 40°48' W, 60 m), 24/ii/1996; D7 (22°19' S, 40°05' W, 60 m), 24/ii/1996; D13 (21°10' S, 40°34' W, 19 m), 25/ii/1996; VV16 (21°10' S, 40°27' W, 27 m), 26/ii/1996; VV21 (20°38' S, 40°00' W, 25 m), 26/ii/1996; VV22 (20°25' S, 40°05' W, 33 m), 27/ii/1996; VV24 (20°00' S, 39°54' W, 45 m), 27/ii/1996; VV31 (18°52' S, 39°35' W, 22 m), 28/ii/1996; VV38 (19°44' S, 38°22' W, 71 m), 29/ii/1996.

REVIZEE CENTRAL II: C1f (13°06'09" S, 38°22'08" W, 450/500 m), 19/x/1997; C2 (13°38'55" S, 38°45'55" W, 50 m),

19-20/x/1997; C3 (14°18'05" S, 38°55'35" W, 45 m), 21/x/1997; C4f (14°54'07" S, 38°51'36" W, 250 m), 21/x/1997; C11r (17°03'59" S, 36°48'28" W, 50 m), 14/xi/1997; C13f (16°48'17" S, 38°40'14" W, 409 m), 26/x/1997; C16 (18°01'24" S, 37°21'55" W, 53 m), 23/xi/1997; C21f (20°40'27" S, 35°28'38" W, 120-520 m), 08/xi/1997; C24r (20°21'03" S, 36°38'14" W, 62 m), 07/xi/1997; C27r (19°45'36" S, 39°31'36" W, 60 m), 31/x/1997; C27f (19°46'50" S, 39°32'12" W, 180 m), 31/x/1997; C30f (20°10'03" S, 37°28'49" W, 250-280 m); C35 (20°57'17" S, 40°07'58" W, 500-550 m), 03/xi/1997; C36r (21°31' S, 40°18' W, 52 m), 04/xi/1997; C46 (20°40'34" S, 34°35'22" W, 108 m), 09/xi/1997.

REVIZEE BAHIA II: EO517 (13°24'58" S, 38°38'16" W, 727-801 m); EO532 (19°43'51" S, 39°26'39" W, 342-362 m).

REVIZEE CENTRAL V: 1r (13°03'01" S, 38°25'05" W, 50 m), 03/vii/2001; 1f (13°04'52" S, 38°21'16" W, 830 m), 03/vii/2001; 2r (13°38'59" S, 38°45'56" W, 55 m), 02/vii/2001; 2f (13°37'34" S, 38°48'23" W, 580 m), 02/vii/2001; 3r (14°17'57" S, 38°55'35" W, 50 m), 02/vii/2001; 4f (14°48'18" S, 38°55'00" W, 1.700 m), 02/vii/2001; 5r (15°34'04" S, 38°49'48" W, 20 m), 01/vii/2001; 7r (16°19'33" S, 38°14'23" W, 40 m), 30/vi/2001; 13 (16°47'08" S, 38°41'08" W, 50 m), 30/vi/2001; 14 (17°47'46" S, 38°52'53" W, 60 m), 07/vii/2001; 16 (18°03'33" S, 37°18'54" W, 100 m), 29/vi/2001; 19f (19°00'04" S, 37°47'01" W, 1.980 m), 29/vi/2001; 23 (20°29'03" S, 36°05'42" W, 50-60 m), 12/vii/2001; 25 (19°31'06" S, 38°46'03" W, 65 m), 28/vi/2001; 25A (19°33'17" S, 38°45'16" W, 230 m), 28/vi/2001; 27 (19°45'21" S, 39°31'03" W, 60 m), 28/vi/2001; 30 (20°08'43" S, 37°29'07" W, 60 m), 13/vii/2001; 35 (20°52'00" S, 40°10'00" W, 55 m), 20/vii/2001; 41 (21°13'00" S, 40°13'00" W, 1.000 m), 20/vii/2001; 42 (20°44'16" S, 31°49'40" W, 80-90 m), 11/vii/2001; 44 (20°51'26" S, 33°38'09" W, 65 m), 11/vii/2001; 45 (20°40'42" S, 34°35'02" W, 108 m), 12/vii/2001; 48 (20°29'19" S, 28°51'16" W, 45-60 m), 10/vii/2001; 51 (21°40'00" S, 40°30'00" W, 25 m), 21/vii/2001; 52 (21°46'00" S, 40°05'00" W, 450 m), 21/vii/2001; 504 (14°28'54" S, 38°54'01" W, 278 m), 02/vii/2001; 517 (13°22'13" S, 38°36'41" W, 750 m), 02-03/vii/2001.

REVIZEE CENTRAL VI: A3 (18°58'53" S, 37°51'06" W, 247 m), 19/vi/2002; C13 (16°48'17" S, 38°40'38" W, 260-290 m), 26/vi/2002; Y7 (20°50'55" S, 40°10'02" W, 50-55 m), 27/vi/2002; R1#1 (21°38'57" S, 40°10'47" W, 100-180 m), 13/vi/2002; R2#1 (19°45'36" S, 39°31'05" W, 85-100 m), 15/vi/2002; R2#3 (19°46'29" S, 39°29'46" W, 498-615 m), 15/vi/2002; R3#1 (15°49'40" S, 38°36'26" W, 83 m), 21/vi/2002; R3#2 (15°48'57" S, 38°35'55" W, 250-269 m), 21/vi/2002; R3#3 (15°50'00" S, 38°34'54" W, 506 m), 21/vi/2002; R4#1 (13°04'30" S, 38°23'30" W, 78-91 m), 23/vi/2002; R4#2 (13°04'54" S, 38°22'50" W, 231 m), 23/vi/2002.

Para a identificação das conchas procedeu-se à comparação com ilustrações e descrições originais, além dos trabalhos de Powell (1964); Abbott (1974); Bouchet e Warén (1980); Kilburn (1983, 1985, 1986, 1988, 1989, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995); Kaicher (1984); Jong e Coomans (1988); Diaz e Puyana (1994); Rios (1994) e Redfern (2001). O material estudado está depositado na Coleção de Moluscos do Instituto de Biologia, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBUFRJ). Em alguns casos foram feitas comparações com material

depositado na coleção de moluscos do "Los Angeles County Museum of Natural History" (LACM).

Dada a inexistência de consenso sobre os conceitos e utilização dos inúmeros nomes das categorias de gênero, subgênero e subfamília na família Turridae, optamos por seguir a classificação proposta por Powell (1966) e modificada por McLean (1971), incluindo adendos posteriores (e.g., KANTOR; SYSOEV, 1989) segundo o arranjo a seguir:

**Subfamília Clavinae:** *Brachytoma*, *Cerodrillia*, *Clathrodrillia*, *Drillia*, *Fenimorea*, *Inodrillara*, *Leptadrillia*, *Neodrillia*, *Spirotropis*, *Splendrillia*, *Typhlomangelia*;

**Subfamília Turrinae:** *Gemmula*, *Polystira*;

**Subfamília Taraninae:** *Taranis*;

**Subfamília Turricullinae:** *Cochlespira*, *Knefastia*, *Leucosyrinx*, *Pyrgospira*, *Stenodrillia*;

**Subfamília Crassispirinae:** *Buchema*, *Crassispira*, *Hindsiclava*, *Lioglyphostoma*;

**Subfamília Zonulispirinae:** *Compsodrillia*, *Pilsbryspira*;

**Subfamília Borsoniinae:** *Borsonia*, *Darbya*;

**Subfamília Mitrolumninae:** *Mitrolumna*, *Mitromorpha*;

**Subfamília Chlaturelinae:** *Glyphostoma*, *Nannodiella*, *Corinnaeturris*;

**Subfamília Mangellinae:** *Acmaturris*, *Benthomangelia*, *Brachycythara*, *Crioturris*, *Glyphoturris*, *Ithycythara*, *Thelecythara*, *Pyrgocythara*, *Tenaturris*;

**Subfamília Daphnelinae:** *Daphnella*, *Eubela*, *Gymnobela*, *Pleurotomella*, *Phymorinchus*, *Xantodaphne*, *Rimosodaphnella*, *Veprecula*, *Famelica*.

Em alguns casos, as alocações genéricas aqui adotadas foram decididas por comparação com aquelas adotadas por outros autores (e.g., ABBOTT, 1974; BOUCHET; WÁREN, 1980; ROLÁN; OTERO-SCHMITT, 1999; KILBURN, 1983, 1985, 1986, 1988, 1989, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995) devendo ser consideradas provisórias, e, portanto, passíveis de mudanças assim que revisões sistemáticas em nível supra-específico estiverem disponíveis.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados um total de 105 táxons subordinados a 50 gêneros e 11 subfamílias dos quais 40 permaneceram sem identificação específica. Um total de 16 espécies e sete gêneros são pela primeira vez registrados para o litoral do Brasil.

Com relação à distribuição geográfica, essas espécies podem ser reunidas em quatro categorias:

(1) 20 espécies não apresentaram nenhum tipo de modificação em sua distribuição geográfica conhecida;

(2) 17 espécies, antes conhecidas apenas para localidades mais ao norte do Brasil, tiveram seus limites de distribuição ampliados ao sul. Nesta categoria incluem-se as seguintes espécies: *Acmaturris brisis* Woodring, 1928; *Borsonia* cf. *silicea* (Watson, 1881); *Brachycthara biconica* (C. B. Adams, 1850); *Buchema liella* (Corea, 1934); *Clathrodrillia minor* (Dautzenberg, 1900); *Crioturris citronella* (Dall, 1889); *Drillia marmarina* (Watson, 1881); *Eubela limacina* (Dall, 1881); *Hindsiclava appeli* Weinkauff, 1886; *Ithycythara pentagonalis* (Reeve, 1845); *Knefastia horrenda* (Watson, 1885); *Lioglyphostoma jousseau* (Dautzenberg, 1900); *Nannodiella vespuciana* (Orbigny, 1842); *Neodrillia cydia* Bartsch, 1943; *Pyrgospira tampaensis* (Bartsch & Rehder, 1939); *Splendrillia coccinata* (Reeve, 1845) e *Thelecythara mucronata* Woodring, 1928;

(3) *Cochlespira elongata* Simone, 1999 somente havia sido coletada no Sul do Brasil e apresentou sua distribuição ampliada ao norte;

(4) 11 espécies, antes representadas apenas em localidades na região do Caribe e no extremo sul do Brasil, e que foram obtidas em localidades no sudeste do Brasil preenchendo parte da lacuna existente no conhecimento sobre suas distribuições. São elas: *Benthomangelia macra* (Watson, 1881); *Crioturris serga* (Dall, 1881); *Daphnella margaretae* Lyons, 1972; *Drilliola loprestiana* (Calcara, 1841); *Glyphostoma epicasta* (Bartsch, 1934); *Pleurotomella circumvoluta* (Dall, 1881); *Pleurotomella ipara* (Dall, 1881); *Rimosodaphnella morra* (Dall, 1881); *Spirotropis lithocolleta* (Watson, 1881); *Stenodrillia haliostrephis* (Dall, 1889); *Stenodrillia acestra* (Dall, 1889).

Outro aspecto que merece destaque é o elevado número de táxons, 40, que não se adequaram ao conceito de nenhuma das espécies até então descritas consistindo, provavelmente, em espécies desconhecidas para a ciência.

Segue-se uma lista sistemática dos táxons identificados e sob a seção material examinado aparecem os números de registro da coleção, as estações nas quais os mesmos foram coletados e, entre colchetes, o número de exemplares.

## Sistemática

Família Turridae Swainson, 1840

Subfamília Clavinae Powell, 1942

Gênero *Brachytoma* Swainson, 1840

*Brachytoma rioensis* (E. A. Smith, 1915)

Fig. 1

Material examinado: IBUFRJ 8117, sta 2 [1]; IBUFRJ 7727, sta D3 [1]; IBUFRJ 7905, sta D7 [1].

Gênero *Cerodrillia* Bartsch & Rehder, 1939

*Cerodrillia thea* (Dall, 1883)

Fig. 2

Material examinado: IBUFRJ 9710, sta C76 [5]; IBUFRJ 10457, sta C46 [2]; IBUFRJ 11823, sta 5r [3]; IBUFRJ 10449, sta 42 [12]; IBUFRJ 4672, sta 44 [1].

*Cerodrillia* aff. *thea* (Dall, 1883)

Fig. 3

Material examinado: IBUFRJ 11843, sta C11r [1]; IBUFRJ 9364, sta C61 [7]; IBUFRJ 9663, sta C62 [1]; IBUFRJ 11844, sta C76 [1]; IBUFRJ 14117, sta 13 [7]; IBUFRJ 11825, sta 35 [1].

*Cerodrillia clappi* (Bartsch & Rehder, 1939)

Fig. 4

Material examinado: IBUFRJ 11857, sta D1 [4]; IBUFRJ 9066, sta C66 [18].

*Cerodrillia* sp.

Fig. 5

Material examinado: IBUFRJ 11841, sta VV38 [1].

Considerações: A forma alargada da concha assemelha *Cerodrillia* sp. a *Cerodrillia bealiana* (Schwengel & McGinty, 1942) podendo ser distinguida desta por apresentar o perfil das voltas mais regularmente convexas, e uma base com forte inflexão. *Cerodrillia* aff. *thea* é, sem dúvida um táxon distinto de *C. thea* seja em relação a coloração marrom avermelhada seja em relação à ornamentação da concha, com costelas axiais mais numerosas e fortemente anguladas. *Cerodrillia clappi*, descrita para a Flórida, Estados Unidos da América (EUA), é reportada pela primeira vez para o Brasil (Bahia e Rio de Janeiro).

Gênero *Clathrodrillia* Dall, 1918

*Clathrodrillia minor* (Dautzenberg, 1900)

Fig. 6

Material examinado: IBUFRJ 8021, sta D1 [1]; IBUFRJ 11829, sta C27r [3]; IBUFRJ 11828, sta 2r [1]; IBUFRJ 11830, sta 27 [1]; IBUFRJ 14165, sta R1#1 [1]; IBUFRJ 14166, sta R2#1 [1].

*? Clathrodrillia lophoesa* (Watson, 1881)

Fig. 7

Material examinado: IBUFRJ 14206, sta 51 [2].

*Clathrodrillia* sp.

Fig. 8

Material examinado: IBUFRJ 10099, sta C66 [1].

Considerações: Os exemplares aqui estudados de *C. minor* apresentam mais costelas axiais que o reportado por Rios (1994: pl. 53, fig. 710). Diaz e Puyana (1994: pl. 68, figs. 897a, b) reconhecem e ilustram duas formas para esta espécie: uma delas (idêntica ao material aqui estudado) apresenta escultura axial mais proeminente que a ornamentação espiral e que ocorreria entre as profundidades de 40 e 60 m; a outra forma, apresentaria escultura espiral tão forte quanto a ornamentação axial conferindo aspecto algo noduloso à concha e que seria encontrada em águas mais rasas. Com relação à distribuição geográfica, *C. minor* amplia sua distribuição ao sul (desde a Bahia até o Rio de Janeiro), tendo sido anteriormente reportada somente para o Norte do Brasil (RIOS, 1994). Rosenberg (2004) registra essa espécie para profundidades entre cinco e 60 m; os presentes registros estendem a distribuição batimétrica desta até os 100 m.

As conchas identificadas como *? Clathrodrillia lophoesa* apresentam uma plica na columela que não é representada para o gênero e para nenhuma outra espécie de Turridae que conhecemos.

Gênero *Drillia* Gray, 1838*Drillia* aff. *oleacina* (Dall, 1889)

Fig. 9

Material examinado: IBUFRJ 10922, sta C36f [1]; IBUFRJ 11002, sta EO532 [4].

*Drillia marmorina* (Watson, 1881)

Fig. 10

Material examinado: IBUFRJ 12020, sta 7r [1].

Considerações: *Drillia* aff. *oleacina* difere da descrição e ilustração originais por apresentar uma fileira espiral de nódulos logo abaixo da sutura e outra no meio da volta, enquanto a descrição original evidencia, apenas, uma fileira de nódulos por volta (DALL, 1889). *Drillia marmorina* foi incluída por Rios (1994: 170, pl. 56, fig. 776) no gênero "*Clavatula*" Lamarck, 1801, mas a presença das aspas denota sua incerteza quanto ao posicionamento desse táxon. De acordo com Powell (1966: 56), os representantes do gênero

*Clavatula* apresentam ornamentação axial e espiral fortes, contudo o exemplar aqui estudado, apesar de exibir costelas axiais fortes, possui linhas espirais fracas o que, juntamente com outros caracteres, o posicionam no gênero *Drillia*. Rios (1994) assinala *D. marmorina* somente para o estado de Pernambuco (640 m), mas ampliamos agora sua distribuição para o litoral da Bahia em profundidade bem menor (40 m).

Gênero *Drilliola* Cosmann, 1903*Drilliola loprestiana* (Calcara, 1841)

Fig. 11

Material examinado: IBUFRJ 10623, sta 52 [1]; IBUFRJ 14164, sta C13 [2].

Considerações: Segundo Rios (1994), o gênero *Drilliola* é representado no Brasil por duas espécies: *Drilliola comatotropis* (Dall, 1881) e *Drilliola crispata* (Cristofori & Jan, 1832). Bouchet e Warén (1980), apontam *D. comatotropis* como sinônimo de *D. loprestiana*, sendo esse táxon amplamente distribuído no Atlântico Norte e também no Mar Mediterrâneo. Esses autores também observaram a ausência de qualquer variação conchiliológica entre exemplares obtidos de diversas áreas ao longo de toda a distribuição geográfica do táxon. Outra característica adicional que fornece relativo suporte a esta proposição é a morfologia da protoconcha, com três voltas, indicando a ocorrência de desenvolvimento planctotrófico com larva de vida longa. Até o momento, essa espécie havia sido reportada com o nome de *D. comatotropis* por Rios (1994) para o litoral de Santa Catarina (off Ilhas de São Francisco, em 250 m de profundidade). O presente registro para o estado do Rio de Janeiro preenche parte da lacuna existente na distribuição desse táxon no Atlântico oeste.

Gênero *Fenimorea* Bartsch, 1934*Fenimorea fucata* (Reeve, 1845)

Fig. 12

Material examinado: IBUFRJ 11845, sta 5r [1].

*Fenimorea halidorema* Schwengel, 1940

Fig. 13

Material examinado: IBUFRJ 9298, sta C63 [1]; IBUFRJ 11846, sta 42 [2]; IBUFRJ 13859, sta 45 [1].

*Fenimorea* sp. 1

Fig. 14

Material examinado: IBUFRJ 8030, sta D1 [1]; IBUFRJ 7989, sta D6 [1]; IBUFRJ 11847, sta 27 [1].

*Fenimorea* sp. 2

Figs. 15, 106

Material examinado: IBUFRJ 14131, sta 48 [21].

Considerações: Segundo Rios (1994) o gênero *Fenimorea* está representado no Brasil por quatro espécies: *F. fucata*, *F. halidorema*, *F. moseri* (Dall, 1889) e *F. pagodula* (Dall, 1889). Neste estudo, identificamos espécimes de *F. fucata* e *F. halidorema*. *Fenimorea fucata* era assinalada somente para o Espírito Santo (RIOS, 1994), mas com o presente registro para a Bahia, sua distribuição estende-se ao norte. Outros exemplares permaneceram sem identificação específica devido ao seu estado de conservação ruim, sendo designados *Fenimorea* sp. 1. Além destes, Leal (1991: 186, pl. 23, figs. K-L) ilustrou o mesmo táxon aqui designado como *Fenimorea* sp. 2, o qual difere dos demais por ser mais fusiforme e pela ornamentação espiral mais evidente.

Gênero *Inodrillara* Bartsch, 1943*Inodrillara* sp. 1

Fig. 16

Material examinado: IBUFRJ 10983, sta C24r [1].

*Inodrillara* sp. 2

Figs. 17, 107

Material examinado: IBUFRJ 10984, sta C35 [1].

Considerações: Inicialmente proposto como subgênero de *Inodrillia* Bartsch, 1943, o gênero *Inodrillara* é caracterizado pela protoconcha lisa, em forma de domo (fig. 107), não apresentando o típico estágio axialmente ornamentado do gênero *Inodrillia*. Além dessas características, os exemplares de *Inodrillara* aqui estudados possuem costelas axiais bastante fortes e ornamentação espiral composta por linhas finas, densas e bem visíveis. Destoam do gênero por não apresentarem um forte calo sobre a região parietal. Por esta razão, sua alocação nesse gênero deve ser considerada “tentativa” até que seu estudo possa ser aprofundado.

Gênero *Leptadrillia* Woodring, 1928*Leptadrillia splendida* Bartsch, 1934

Fig. 18

Material examinado: IBUFRJ 9064, sta C66 [2].

*Leptadrillia* sp. 1

Fig. 19

Material examinado: IBUFRJ 14207, sta C66 [1]; IBUFRJ 11858, sta 27 [1].

*Leptadrillia* sp. 2

Fig. 20

Material examinado: IBUFRJ 11860, sta C4f [2].

*Leptadrillia* sp. 3

Fig. 21

Material examinado: IBUFRJ 14208, sta C13 [1].

Considerações: Rios (1994) reconhece *Leptadrillia cookei* (E. A. Smith, 1888) e *L. splendida* como válidas e ocorrentes no Brasil. Por outro lado, Rosenberg (2004) assinala *L. splendida* como sinônimo de *L. cookei*. Como não tivemos acesso ao material tipo ou a ilustração original de *L. cookei*, não opinamos a este respeito. O exemplar que Rios (1994: pl. 53, fig. 722) ilustra como *L. splendida* não confere com a representação do holótipo apresentada por Kaicher (1984), pois este tem base fortemente convexa, costelas axiais grossas que não penetram na base e canal sifonal anterior mediano. *Leptadrillia* sp. 1 apresenta costelas grossas como *L. splendida* mas distingue-se desta por apresentar costelas opistóclinas apenas na volta corporal e que avançam sobre a base. Base suavemente convexa com pequena inflexão causada pela presença do canal sifonal anterior. *Leptadrillia* sp. 2 apresenta costelas axiais mais numerosas que em *L. splendida* e em *Leptadrillia* sp.1; estas costelas são opistóclinas, finas e fortemente anguladas na região mediana, sendo essa angulação mais evidente nas três ou quatro primeiras voltas e penetram profundamente na base, a qual apresenta forte inflexão enfatizando a presença do canal sifonal anterior.

*Leptadrillia* sp. 3 é semelhante a *Leptadrillia* sp. 2, diferindo desta pelo perfil mais delgado da concha, pelas costelas curvas e finas (mas não opistóclinas) e pela base quase reta.

Gênero *Neodrillia* Bartsch, 1943*Neodrillia cydia* Bartsch, 1943

Fig. 22

Material examinado: IBUFRJ 7948, sta D13 [1]; IBUFRJ 11879, sta 2r [1]; IBUFRJ 14114, sta 13 [1]; IBUFRJ 14115, sta R4#1 [1].

Considerações: Esta espécie tem registros para a Flórida, EUA (ABBOTT, 1974), Península de Yucatã, México (VOKES; VOKES, 1983), Colômbia (DIAZ; PUYANA, 1994) e Bahamas (REDFERN, 2001). Para o Brasil, Rios (1994) registra a mesma somente para a região de Abrolhos. Os presentes dados indicam sua ocorrência tanto no litoral da Bahia quanto do Espírito Santo.

Gênero *Spirotropis* Sars, 1878  
*Spirotropis lithocolleta* (Watson, 1881)

Fig. 23

Material examinado: IBUFRJ 10976, sta C13f [1].

Considerações: A distribuição conhecida para esse táxon até o momento inclui Flórida, EUA, Caribe e Rio Grande do Sul, Brasil (RIOS, 1994). O presente registro para o litoral da Bahia preenche parte da lacuna existente na distribuição geográfica desse táxon. Segundo Rosenberg (2004) essa espécie ocorre entre 80 e 823 m de profundidade com o presente registro para 409 m, apesar de bem superior ao fornecido em Rios (1994), entre 80 e 120 m, estando compreendido na faixa de profundidade registrada por Rosenberg (2004).

Gênero *Splendrillia* Hedley, 1922  
*Splendrillia coccinata* (Reeve, 1845)

Fig. 24

Material examinado: IBUFRJ 10438, sta C27r [1].

Considerações: O exemplar aqui estudado confere muito bem com a ilustração de Rios (1994: pl. 54, fig. 734), no entanto, sua coloração é bege com uma faixa branca na metade posterior das voltas. Segundo Rios (1994), a espécie possui concha rosada com tons mais fortes na região entre as costelas axiais. Além disso, esse mesmo autor afirma que *S. coccinata* possui região fasciolar bem escavada, o que não observamos no exemplar aqui estudado. Sua distribuição geográfica, antes restrita a Bahia (RIOS, 1994), é ampliada até o Espírito Santo. O presente registro também amplia sua faixa batimétrica de ocorrência até 60 m.

Gênero *Typhlomangelia*  
*Typhlomangelia nivalis* (Lovén, 1846)

Fig. 25

Material examinado: IBUFRJ 10992, sta C35 [1].

Considerações: Tanto o gênero quanto à espécie são pela primeira vez reportados para o Sudoeste do Atlântico (Brasil-Espírito Santo). Segundo Bouchet e Warén (1980), essa espécie ocorre em todo o leste do Atlântico Norte e, também, no Mar Mediterrâneo em profundidades que excedem os 1.000 m. Contudo, o exemplar deste estudo foi obtido em profundidades entre 500-550 m.

Subfamília Turrinae Swainson, 1840

Gênero *Gemmula* Weinkauff, 1875

*Gemmula periscelida* (Dall, 1889)

Fig. 26

Material examinado: IBUFRJ 11848, sta C21f [2]; IBUFRJ 11849, sta 2f [2]; IBUFRJ 9955, sta C13 [1]; IBUFRJ 9861, sta 504 [1]; IBUFRJ 9952, sta A3 [1]; IBUFRJ 13860, sta R3#2 [1]; IBUFRJ 11859, sta R3#3 [4].

Considerações: Esta espécie, encontrada desde o litoral da Flórida, EUA (ABBOTT, 1974) até o Caribe Colombiano (DIAZ; PUYANA, 1994), é pela primeira vez coletada e identificada em águas brasileiras o que estende consideravelmente o seu limite de distribuição geográfica ao sul (Bahia e Espírito Santo) além de ampliar também sua ocorrência até profundidades de 580 m.

Gênero *Polystira* Woodring, 1928

*Polystira coltrorum* Petuch, 1993

Fig. 27

Material examinado: IBUFRJ 9097, sta C65 [1]; IBUFRJ 9089, sta C66 [2]; IBUFRJ 9998, sta C27f [1]; IBUFRJ 11883, sta 3r [4]; IBUFRJ 1200, sta 27 [2]; IBUFRJ 14169, sta Y7 [2]; IBUFRJ 13861, sta C13 [2]; IBUFRJ 14170, sta R2#1 [4].

Considerações: Os exemplares aqui estudados foram coletados em profundidades entre 260-290 m, alteram a distribuição batimétrica da espécie, previamente conhecida entre 20 e 120 m (ROSENBERG, 2004).

Subfamília Taraninae Casey, 1904

Gênero *Taranis* Jeffreys, 1870

*Taranis* sp.

Figs. 28, 108

Material examinado: IBUFRJ 14101, sta 517 [1].

Considerações: A protoconcha (fig. 108) se ajusta bem às ilustrações presentes em Bouchet e Warén (1980: 105, fig. 271, 271) e Kilburn (1991: 335, fig. 15-16). No entanto, a teleoconcha apresenta projeções mais agudas que nas demais espécies reportadas para o gênero. Esta é a primeira vez que um exemplar do gênero é reportado para o Brasil (Bahia).

Subfamília Turriculinae Powell, 1942

Gênero *Cochlespira* Conrad, 1865

*Cochlespira elongata* Simone, 1999

Fig. 29

Material examinado: IBUFRJ 11000, sta EO532 [2].

Considerações: *Cochlespira elegans* auct. non Dall, 1881 e *Cochlespira radiata* auct. non Dall, 1889 são apontadas por Rosenberg (2004) como sinônimos de *C. elongata* e, sob a designação de *C. radiata*, Rios (1994) registra sua ocorrência no Rio de Janeiro. Simone (1999) designou a localidade tipo da nova espécie para São Paulo, que agora amplia sua ocorrência até o Espírito Santo.

Gênero *Knefastia* Dall, 1919  
*Knefastia horrenda* (Watson, 1885)  
Fig. 30

Material examinado: IBUFRJ 11855, sta 2f [1]; IBUFRJ 14162, sta C13 [1]; IBUFRJ 14116, sta R3#2 [1].

Considerações: *Knefastia horrenda* era conhecida apenas de sua localidade tipo ao largo do estado de Pernambuco e, agora, com o novo registro para a Bahia amplia sua distribuição ao sul.

Gênero *Leucosyrinx* Dall, 1889  
*Leucosyrinx pelagia* (Dall, 1881)  
Fig. 31

Material examinado: IBUFRJ 14209, sta 517 [1].

Considerações: Abbott (1974) assinala esta espécie para a região da Flórida (EUA) e Golfo do México. Desta forma, este é o primeiro registro para o litoral do Brasil (Bahia, 750 m) em profundidades ligeiramente inferiores aquelas até então conhecidas, entre 805-986 m (ROSENBERG, 2004).

Gênero *Pyrgospira* McLean, 1971  
*Pyrgospira ostrearum* (Stearns, 1872)  
Fig. 32

Material examinado: IBUFRJ 11887, amostra com procedência perdida [1].

*Pyrgospira fuscescens* (Reeve, 1843)  
Fig. 33

Material examinado: IBUFRJ 9863, sta C65 [1]; IBUFRJ 11889, sta 5r [1]; IBUFRJ 14210, sta Y7 [1].

*Pyrgospira tampaensis* (Bartsch & Rehder, 1939)  
Fig. 34

Material examinado: IBUFRJ 9058, sta C66 [6]; IBUFRJ 8794, sta C74 [1]; IBUFRJ 11886, sta C76 [1]; IBUFRJ 11888, sta 3r [1].

Considerações: *Pyrgospira tampaensis* apresenta uma grande variedade de formas, mas os exemplares aqui

estudados se adequam bem aos conceitos de Abbott (1974) e Redfern (2001). Sua distribuição geográfica fica aqui ampliada até o estado da Bahia. Rios (1994) ilustrou um exemplar de *P. ostrearum* nomeado como *P. fuscescens* e o incluiu no gênero *Crassispira* Swainson, 1840, posição da qual discordamos devido a sua protoconcha lisa.

Gênero *Stenodrillia* Korobkov, 1955  
*Stenodrillia gundlachi* (Dall & Simpson, 1901)  
Fig. 35

Material examinado: IBUFRJ 11827, sta 27 [1].

*Stenodrillia haliostrephis* (Dall, 1889)  
Fig. 36

Material examinado: IBUFRJ 8807, sta C73 [1]; IBUFRJ 11832, sta 27 [1].

*Stenodrillia acestra* (Dall, 1889)  
Fig. 37

Material examinado: IBUFRJ 7975, sta D6 [1].

*Stenodrillia eucosmia* (Dall, 1889)  
Fig. 38

Material examinado: IBUFRJ 11831, sta C16 [8]; IBUFRJ 11880, sta 13 [1]; IBUFRJ 14211, sta Y5 [1]; IBUFRJ 14213, sta Y5 [1]; IBUFRJ 14212, sta R2#1 [1].

Considerações: *Stenodrillia gundlachi* aparece em Abbott (1974) e em Rios (1994) subordinada ao gênero *Compsodrillia* Woodring, 1928. Entretanto, Powell (1966) cita entre as características diagnósticas do gênero *Stenodrillia* a presença de uma área subsutural ligeiramente côncava e, usualmente, sem ornamentação espiral, mas com numerosas linhas de crescimento axiais que marcariam as posições sucessivas do sinus. Verificamos que esta característica esta presente não só em *S. gundlachi* como também em outros táxons que vinham sendo assinalados como *Compsodrillia*. Por este motivo, transferimos para *Stenodrillia* todas as espécies com tal característica. *Stenodrillia acestra* antes restrita ao litoral de São Paulo, amplia sua distribuição até o norte do estado do Rio de Janeiro, e *S. haliostrephis*, assinalada para o Sul do Brasil (RIOS, 1994), passa a registrar ocorrência nos estados do Espírito Santo e Bahia. *Stenodrillia eucosmia* é reportada pela primeira vez para a costa brasileira.



## Subfamília Crassispirinae Morrison, 1966

Gênero *Buchema* Corea, 1934*Buchema liella* (Corea, 1934)

Fig. 39

Material examinado: IBUFRJ 9218, sta C66 [7].

*Buchema* aff. *liella* (Corea, 1934)

Fig. 40

Material examinado: IBUFRJ 11822, sta VV21 [2].

*Buchema tainoa* (Corea, 1934)

Fig. 41

Material examinado: IBUFRJ 11819, sta C76 [2].

*Buchema* sp. 1

Fig. 42

Material examinado: IBUFRJ 10699, sta C36r [1].

*Buchema* sp. 2

Fig. 43

Material examinado: IBUFRJ 11820, sta VV21 [1].

*Buchema* sp. 3

Fig. 44

Material examinado: IBUFRJ 11821, sta C67 [3].

Considerações: *Buchema* aff. *liella* difere de *B. liella* por sua forma mais subcilíndrica e por suas costelas axiais mais grossas e cordas espiras mais fortes. *Buchema liella* era conhecida apenas para a região norte do Brasil (Amapá), ampliando sua área de ocorrência para a Bahia. *Buchema tainoa*, conhecida de Porto Rico (ABBOTT, 1974), ainda não havia sido reportada para o Brasil. Além disso, os exemplares de *B. tainoa* foram coletados em profundidades inferiores, 66 m, aquelas assinaladas em Rosenberg (2004), entre 146-219 m.

Kaicher (1984) ilustrou um dos sítipos de *Buchema hadromeres* (Melvill, 1927), juntamente com um outro exemplar que ela acreditava pertencer à mesma espécie. Rios (1994: 167, pl. 56, fig. 763) ilustrou uma concha muito similar ao exemplar de *B. hadromeres* ilustrado por Kaicher (*op. cit.*) e o nomeou *Buchema interpleura* (Dall & Simpson, 1901), o qual em nossa opinião, consiste em uma espécie distinta tanto de *B. hadromeres* quanto de *B. interpleura*, sendo idêntica ao táxon aqui nomeado *Buchema* sp. 3. *Buchema hadromeres* apresenta concha marcadamente bicônica, com a última volta correspondendo a cerca de 60% da altura da concha, enquanto que em

*Buchema* sp. 3 a última volta não chega a 50% do comprimento total da concha, ou seja, a espira em *B. hadromeres* é maior que em *Buchema* sp. 3. Além disso, *B. hadromeres* apresenta 8-9 costelas axiais relativamente delicadas enquanto *Buchema* sp. 3 apresenta 12-13 costelas mais robustas.

*Buchema* sp. 3 pode ser diferenciado de *B. interpleura* pois esta apresenta a face interna do lábio externo lirado, enquanto em *Buchema* sp. 3 ele é liso. As voltas de *B. interpleura* apresentam 7-8 costelas axiais enquanto *Buchema* sp. 3 apresenta 12-13 costelas com uma forte variz logo atrás da abertura. Em *B. interpleura* a ornamentação espiral é composta por quatro cordas igualmente visíveis sobre as costelas axiais e em seus interespaços, enquanto em *Buchema* sp. 3 há três cordas espirais somente discerníveis sobre as costelas. A base em *B. interpleura* é ornamentada com três cordas bem espaçadas seguindo-se por seis outras bem próximas entre si na região fasciolar. Em *Buchema* sp. 3, essas cordas apresentam o mesmo padrão, contudo assumem uma aparência nodulosa sobre as costelas e são pouco discerníveis nos interespaços.

Gênero *Crassispira* Swainson, 1840*Crassispira premorra* (Dall, 1889)

Fig. 45

Material examinado: IBUFRJ 10931, sta C1f [1].

Considerações: *Crassispira premorra* é pela primeira vez reportada para o Brasil (Bahia, 450-500 m) e, embora tenha uma forte semelhança com *Drillia*, sua protoconcha com finas costelas axiais é diagnóstica para sua alocação genérica. Rosenberg (2004) assinala essa espécie para profundidades superiores, 732 m.

Gênero *Hindsiclava* Hertlein & Strong, 1955*Hindsiclava appellii* Weinkauff, 1886

Fig. 46

Material examinado: IBUFRJ 10022, sta C16 [1]; IBUFRJ 14163, sta A3 [1]; IBUFRJ 14121, sta R2#1 [2].

Considerações: Em Rios (1994), *H. appellii* é assinalada somente para o Amapá em fundos areno-lamosos a 51 m. Aqui, sua distribuição geográfica e batimétrica são ampliadas para os estados da Bahia e Espírito Santo em profundidades entre 53-247 m.

Gênero *Lioglyphostoma* Woodring, 1928*Lioglyphostoma jousseaumei* (Dautzenberg, 1900)

Fig. 47

Material examinado: IBUFRJ 10500, sta C3 [2]; IBUFRJ 10100, sta C66 [6]; IBUFRJ 11861, sta 3r [1].

*Lioglyphostoma* sp.

Fig. 48

Material examinado: IBUFRJ 10968, sta C36f [1]; IBUFRJ 14178, sta R2#3 [1].

Considerações: O registro prévio de *L. jousseaumei* a restringia ao Amapá (RIOS, 1994), contudo, ampliamos agora sua área de ocorrência ao litoral leste do Brasil (Bahia).

Subfamília Zonulispirinae Bartsch, 1950

Gênero *Compsodrillia* Woodring, 1928*Compsodrillia* sp.

Fig. 49

Material examinado: IBUFRJ 14120, sta C13 [1].

Considerações: A espécie mais próxima de *Compsodrillia* sp. parece ser *Compsodrillia disticha* Bartsch, 1934 com localidade-tipo em Porto Rico e que difere desta pelos detalhes da ornamentação espiral. As demais espécies comumente assinaladas em *Compsodrillia* para o Brasil são aqui consideradas como pertencentes ao gênero *Stenodrillia*.

Gênero *Pilsbryspira* Bartsch, 1950*Pilsbryspira leucocyma* (Dall, 1884)

Fig. 50

Material examinado: IBUFRJ 11881, sta C16 [1].

Considerações: Aqui ampliamos sua faixa batimétrica de ocorrência até os 53 m em contraste com o registro entre 0-20 m fornecido por Rosenberg (2004).

Subfamília Borsoniinae Bellardi, 1839

Gênero *Borsonia* Bellardi, 1839*Borsonia* cf. *syngenes* (Watson, 1886)

Fig. 51

Material examinado: IBUFRJ 11856, sta C35 [1]; IBUFRJ 14118, sta R2#3 [1].

*Borsonia* cf. *silicea* (Watson, 1881)

Fig. 52

Material examinado: IBUFRJ 11826, sta 2f [1].

*Borsonia* sp.

Fig. 53

Material examinado: IBUFRJ 14119, sta 23 [1].

Considerações: Embora Powell (1966) e Rios (1994) mencionem uma ou duas plicas na columela na caracte-

terização do gênero, nenhuma de suas figuras mostra essa estrutura e também não as encontramos nos exemplares aqui estudados.

Os exemplares de *B.* cf. *syngenes* aqui estudados concordam bem com a figura original e sua descrição. Bouchet e Warén (1980) acusaram a semelhança de *Pleurotoma syngenes* e *B. hironnelleae* (Dautzenberg, 1891), mas afirmam que a primeira não apresenta linhas espirais. No entanto, tanto a figura quanto à descrição originais atestam que *P. syngenes* possui ornamentação espiral. Nosso material difere de *P. syngenes* apenas por apresentar dentes na face interna do lábio externo, motivo pelo qual mantemos a identificação algo duvidosa.

*Borsonia* cf. *silicea* assemelha-se a *Spirotropis* Sars, 1878, o qual possui concha mais turriforme e última volta relativamente mais curta. Bouchet e Warén (1980) descrevem o gênero *Borsonia* com ornamentação espiral, no entanto, esses mesmos autores mencionam a existência de espécies em que essa ornamentação não está presente. Devido ao estado de conservação de nosso único exemplar (sem protoconcha), sua alocação genérica permanece duvidosa.

*Borsonia* sp. é levógira como *B. brasiliiana* Tippet, 1983, mas nosso único exemplar é mais jovem, com a concha mais subcilíndrica, e apresenta-se com três voltas de teleoconcha medindo cerca de 2,9 mm de comprimento. Embora seja mais jovem, apresenta mais costelas axiais (18 na última volta) que *B. brasiliiana* a qual, mesmo sendo bem maior (11 mm) e com mais voltas (cinco) apresenta de 12 a 14 costelas axiais na penúltima volta.

Gênero *Darbya* Bartsch, 1934*Darbya* cf. *lira* Bartsch, 1934

Fig. 54

Material examinado: IBUFRJ 14124, sta A3 [4].

Considerações: Os exemplares examinados aqui são bem maiores (35,1 mm) do que os 22,6 mm do material descrito por Bartsch (1934). Além disso, não conseguimos visualizar, a dobra na columela que supostamente os representantes desse gênero apresentam. Outra característica marcante é a presença de uma forte variz que, apesar de não ser visível nas ilustrações originais, é mencionada na respectiva descrição, e que está presente em nosso material. Esta espécie era conhecida somente da localidade-tipo (Porto Rico) entre 329 e 731 m. Esse é o primeiro registro da espécie para o Brasil consistindo, também, na sua mais rasa ocorrência (247 m.).

Subfamília Mitrolumininae  
Gênero *Mitromorpha* Carpenter, 1865

*Mitromorpha* sp.  
Fig. 55

Material examinado: IBUFRJ 10592, sta C62 [1].

Considerações: O gênero *Mitromorpha*, distingue-se de *Mitrolumna* pela ausência de pregas columelares e pela ornamentação composta exclusivamente por cordas espirais. Foi pela primeira vez reportado para o Brasil por Mello et al. (1994) que identificaram *Mitromorpha aspera* (Carpenter, 1864) a partir de material coletado no Arquipélago de Fernando de Noronha. Embora sua fotografia impossibilite qualquer avaliação, o reconhecimento de um táxon do Pacífico Norte em águas brasileiras sem um exame acurado dos tipos nos parece temerário. O táxon aqui reportado como *Mitromorpha* sp. não se apresentou bordado com contas e nem finamente cancelado como apontado por Mello et al. (1994) para *M. aspera*, se constituindo, provavelmente, num táxon ainda desconhecido para a Ciência.

Gênero *Mitrolumna* Bucquoy, Dautzenberg & Dollfus, 1882

*Mitrolumna biplicata* (Dall, 1889)  
Fig. 56

Material examinado: IBUFRJ 11871, sta D1 [2]; IBUFRJ 12859, sta D3 [6]; IBUFRJ 11389, sta VV38 [3]; IBUFRJ 10782, sta C76 [3]; IBUFRJ 14214, sta 25 [1]. Adicionalmente foram examinados os lotes LACM 153280, 60m de profundidade, procedente do Golfo do México, "SW of John's Pass, Pinellas Co., Florida", EUA [12], LACM 153281, março de 1941, intermareal, "off Lake Worth, Palm Beach Co., Florida", EUA [2].

*Mitrolumna* sp. 1  
Fig. 57

Material examinado: IBUFRJ 14215, sta 16 [1]; IBUFRJ 14216, sta 30 [1].

*Mitrolumna* sp. 2  
Fig. 58

Material examinado: IBUFRJ 11872, sta C63 [1]; IBUFRJ 11873, sta 30 [1].

*Mitrolumna* sp. 3  
Fig. 59

Material examinado: IBUFRJ 11876, sta VV38 [2].

*Mitrolumna* sp. 4  
Fig. 60

Material examinado: IBUFRJ 14217, sta 14 [1].

*Mitrolumna* sp. 5  
Fig. 61

Material examinado: IBUFRJ 11334, sta D3 [1]; IBUFRJ 10928, sta C13f [1].

Considerações: Os exemplares de *M. biplicata* examinados aqui diferem do material da Flórida (EUA) por serem menores, ligeiramente mais esbeltos e menos nodulosos na volta corporal. Nenhum dos exemplares examinados, tanto da Flórida quanto do Brasil, apresentam a protoconcha branca presente na descrição original. Além de Rios (1994) e Leal (1991), Mello e Barros (1994) também registraram a presença de *M. biplicata* para o Brasil.

*Mitrolumna* aff. *biplicata* diferencia-se de *M. biplicata* pela protoconcha branca e teleoconcha com formato mais bicônico. Além disso, a primeira corda espiral de cada volta apresenta nódulos brancos intercalados com outros de cor igual a da concha com algumas irregularidades.

*Mitrolumna* sp. 1 é similar em forma a *M. biplicata* mas diferencia-se pela protoconcha branca, cordas espirais mais finas que seus interespaços na base e costelas axiais muito tímidas que só se insinuam como ondulações sobre as cordas espirais sem que haja a formação de nódulos na volta corporal.

*Mitrolumna* sp. 2 é similar em forma a *M. biplicata* e *Mitrolumna* sp. 1 mas difere destas pela coloração marrom avermelhado e por apresentar ornamentação exclusivamente constituída por cordas espirais. Leal (1991: 183, pl. 23, fig. C) ilustra esse mesmo táxon como *Mitrolumna* sp. 1.

*Mitrolumna* sp. 3 é a mais esbelta e tem a protoconcha mais globosa dentre as espécies de *Mitrolumna* aqui examinadas. Além disso, sua coloração esbranquiçada e escultura dominada por cordas espirais equidistantes as quais são cortadas por cerca de 16 costelas axiais relativamente finas com a formação de nódulos baixos nas intersecções a tornam única dentre as demais. Há, ainda, a presença de uma corda subsutural com área côncava abaixo dela.

*Mitrolumna* sp. 4 tem concha bicônica e mais inflada que as demais com a primeira corda espiral apresentando nódulos brancos regularmente intercalados com outros da cor da concha e presença de um dente posterior no lábio interno. Pode ser distinguida de *Mitrolumna* sp. 1 por apresentar as primeiras voltas da teleoconcha branca, por sua coloração mais avermelhada e escura no restante da teleoconcha, por suas costelas axiais menos numerosas, mais proeminentes e opistóclinas.

*Mitrolumna* sp. 5 distingui-se das demais por sua coloração esbranquiçada, maiores dimensões, presença de corda subsutural e de um dente posterior no lábio interno. Seu traço mais distintivo são as costelas axiais arredondadas e proeminentes com formação de nódulos agudos onde são cortadas pelas cordas espirais. Pode ser diferenciada de *Mitrolumna* sp. 1 por ser mais inflada, ter costelas axiais e cordas espirais mais proeminentes e corda subsutural “ondulada” enquanto que em *Mitrolumna* sp. 1 a corda subsutural é lisa e os espaços entre a corda subsutural e as voltas é maior.

Subfamília Clathurellinae H & A. Adams, 1858

Gênero *Glyphostoma* Gabb, 1872

*Glyphostoma elsae* Bartsch, 1934

Fig. 62

Material examinado: IBUFRJ 9770, sta VV38 [1]; IBUFRJ 9094, sta C65 [1]; IBUFRJ 9187, sta C76 [1]; IBUFRJ 11850, sta 27 [1]; IBUFRJ 14127, sta C13 [1]; IBUFRJ 14156, sta R2#1 [1].

*Glyphostoma epicasta* (Bartsch, 1934)

Fig. 63

Material examinado: IBUFRJ 14125, sta R3#1 [1]; IBUFRJ 14154, sta R3#2 [1]; IBUFRJ 14155, sta R4#2 [2].

*Glyphostoma golfoyaquense* Maury, 1917

Figs. 64a, 64b

Material examinado: IBUFRJ 10978, sta C30f [1]; IBUFRJ 14126, sta A3 [3].

Considerações: Nosso material identificado como *G. elsae* é ligeiramente mais esbelto e as finas costelas axiais na volta corporal são menos evidentes em relação ao holótipo ilustrado em Kaicher (1984). Esta espécie, anteriormente conhecida para a Flórida, EUA (ABBOTT, 1974), é pela primeira vez coletada em águas brasileiras (Bahia e Espírito Santo) e estende também sua ocorrência até maiores profundidades, entre 260-290 m.

*Glyphostoma epicasta* se ajusta bem à ilustração do holótipo (KAICHER, 1984) mas apresenta bifurcação nas costelas axiais no final da volta corporal, a qual não é visível na ilustração do tipo. A distribuição geográfica apresentada em Rios (1994) para esta espécie inclui Porto Rico e sul do Brasil, mas deve-se considerar agora, também, a Bahia.

Nossos exemplares de *G. golfoyaquense* atingem tamanhos maiores que os reportados por Kaicher (1984) sendo bem semelhantes em todo o restante. Indivíduos jovens (Fig. 64b) podem ser confundidos

com *G. gabbi* Dall, 1889, mas *G. golfoyaquense* apresenta costelas axiais delicadas e mais numerosas. Com relação à distribuição geográfica, *G. golfoyaquense* tem sido coletada ao longo da Flórida, EUA e México (ABBOTT, 1974) sendo, pois, o seu primeiro registro para o Brasil (Espírito Santo).

Gênero *Nannodiella* Dall, 1919

*Nannodiella vespuciana* (Orbigny, 1842)

Figs. 65, 109

Material examinado: IBUFRJ 10835, sta D1 [1]; IBUFRJ 11874, sta D3 [2]; IBUFRJ 11877, sta VV22 [2]; IBUFRJ 11878, sta VV31 [1]; IBUFRJ 9836, sta VV38 [1]; IBUFRJ 10253, sta C65 [1]; IBUFRJ 9689, sta C76 [9]; IBUFRJ 14171, sta C13 [1].

Considerações: Anteriormente conhecida para o litoral do Amapá (RIOS, 1994), tem sua distribuição ampliada para os estados da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Gênero *Corinnaeturris* Bouchet & Warén, 1980

*Corinnaeturris rhysa* (Watson, 1881) nov. comb.

Fig. 66

Material examinado: IBUFRJ 10936, sta C1f [1].

*Corinnaeturris* sp.

Figs. 67, 110

Material examinado: IBUFRJ 10958, sta C35 [1].

Considerações: *Corinnaeturris rhysa* é alocado em *Kurtziella* Dall, 1918 por Rios (1994) e, segundo este mesmo autor, a protoconcha de *Kurtziella* seria caracterizada por finas costelas axiais cortadas por três ou quatro linhas espirais na última volta. Por outro lado, *Corinnaeturris* apresenta um ápice multispiral liso, com uma única quilha espiral (Fig. 110).

Bouchet e Warén (1980) ao criarem o gênero afirmaram que este possui uma superfície distintamente granular. Em nenhum dos nossos dois táxons tal característica de textura foi observada.

Rios (1994) assinala *C. rhysa* para profundidades entre 27-110 m, com nossos registros estendendo consideravelmente sua distribuição até cerca de 450-500 m.

Subfamília Mangeliinae Fischer, 1883

Gênero *Acmaturris* Woodring, 1928

*Acmaturris brisis* Woodring, 1928

Fig. 68

Material examinado: IBUFRJ 13858, sta 2r [1].

Considerações: Esta espécie é conhecida de sua localidade-tipo, Mioceno da Jamaica (WOODRING, 1928), Caribe (JONG; COOMANS, 1988) e Norte do Brasil, Amapá (RIOS 1994). Nosso registro estende consideravelmente ao sul a distribuição geográfica conhecida para esse táxon, para o litoral da Bahia.

Gênero *Benthomangelia* Thiele, 1925  
*Benthomangelia macra* (Watson, 1881)

Fig. 69

Material examinado: IBUFRJ 14159, sta 2f [2]; IBUFRJ 14160, sta A3 [9]; IBUFRJ 14161, sta R2#3 [2].

*Benthomangelia* sp. 1

Fig. 70

Material examinado: IBUFRJ 11833, sta VV16 [1].

? *Benthomangelia* sp. 2

Fig. 71

Material examinado: IBUFRJ 14123, sta 4f [1].

Considerações: Os nossos exemplares de *B. macra* são bem semelhantes ao ilustrado em Rios (1994: pl. 57, fig. 792). Esse autor assinala a espécie para as Ilhas Açores e Rio Grande do Sul entre 72 e 156 m. Os registros para a Bahia e Espírito Santo (240-600 m) ampliam tanto sua área de distribuição quanto sua batimetria.

*Benthomangelia* sp. 1 se diferencia de *B. macra* pela presença da faixa de coloração alaranjada, por apresentar um número menor de costelas axiais e a posição relativa do ombro (aproximadamente na metade da volta enquanto está no terço superior em *B. macra*).

? *Benthomangelia* sp. 2 é semelhante à *Leucosyrinx* Dall, 1889 em sua forma geral da concha, mas este último apresenta a protoconcha lisa enquanto a de *Benthomangelia* sp. 2 é ornamentada com costelas axiais. Difere das espécies conhecidas pela relação entre a altura da abertura e a altura total da concha. Apresentando uma abertura relativamente pequena em relação à altura da concha, aproximadamente 1/3 da altura da concha, enquanto que nas outras espécies conhecidas corresponde a 1/2 ou mais da altura da concha. Embora também se assemelhe a *B. macra*, apresenta as costelas axiais bem atenuadas, sendo visíveis apenas nos ombros das voltas, onde se insinua como pequenos nódulos. A escultura dominante é a espiral e consiste de linhas incisivas equidistantes na última volta. Sua alocação genérica deve ser considerada tentativa.

Gênero *Brachycythara* Woodring, 1928  
*Brachycythara biconica* (C.B.Adams, 1850)

Fig. 72

Material examinado: IBUFRJ 11862, sta D3 [4]; IBUFRJ 11864, sta VV16 [6]; IBUFRJ 11868, sta VV21 [3]; IBUFRJ 11867, sta VV22 [9]; IBUFRJ 11865, sta VV31 [2]; IBUFRJ 11866, sta VV38 [1]; IBUFRJ 9731, sta C65 [3]; IBUFRJ 11863, sta C76 [3]; IBUFRJ 14153, sta 2r [1]; IBUFRJ 14152, sta Y7 [7].

Comentários: Abbott (1974); Vokes e Vokes (1984); Rios (1994) consideram *Brachycythara* como subgênero de *Mangelia* Risso, 1826, mas Powell (1966); Jong e Coomans (1988); Diaz e Puyana (1994); Redfern (2001) consideram *Brachycythara* como gênero. Segundo Powell (1964), os gêneros de Turridae podem ser diferenciados com base na ornamentação das protoconchas (ver BOUCHET, 1990 para uma posição contrária), pois *Mangelia* apresentaria a primeira volta da protoconcha espiralmente estriado e as demais lisas; enquanto *Brachycythara* apresentaria a última volta da protoconcha com finas costelas axiais numerosas e próximas entre si. Essa espécie tem sua distribuição geográfica conhecida entre o Amapá e o Rio Grande do Norte (RIOS, 1994), ampliando-se assim sua ocorrência para os estados da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Gênero *Crioturris* Woodring, 1928

*Crioturris serga* (Dall, 1881)

Fig. 73

Material examinado: IBUFRJ 14128, sta 2r [2].

*Crioturris* aff. *diadema* Woodring, 1928

Fig. 74

Material examinado: IBUFRJ 9659, sta C66 [1].

*Crioturris citronella* (Dall, 1889)

Fig. 75

Material examinado: IBUFRJ 11836, sta VV21 [1]; IBUFRJ 11835, sta VV22 [4]; IBUFRJ 11817, sta VV24 [2]; IBUFRJ 11837, sta C76 [1].

*Crioturris* cf. *fargoi* (McGinty, 1955)

Fig. 76

Material examinado: IBUFRJ 10429, sta C2 [1]; IBUFRJ 11838, sta 27 [1].

*Crioturris* sp.

Fig. 77

Material examinado: IBUFRJ 11834, sta D3 [1].

Considerações: *Crioturris diadema* é muito semelhante a *Acmaturris brisis* (Fig. 68) quanto à forma geral da concha. Contudo, estamos mantendo-as separadas com base na escultura espiral a qual é mais equidistante em *C. diadema* enquanto que em *A. brisis* há um micro-retículo entre as linhas espirais.

*Crioturris* cf. *fargoi* é a maior representante do gênero *Crioturris* ocorrentes no Brasil, atingindo 12 mm de comprimento. A protoconcha deste táxon apresenta o mesmo padrão de ornamentação comum aos demais representantes do gênero, mas nossos espécimes apresentam a última volta da protoconcha quilhada. Esta característica não está presente nas demais espécies do gênero onde as voltas da protoconcha são convexas e desprovidas de quilhas.

*Crioturris* sp. apresenta a protoconcha bem mais rombuda que as demais co-genéricas, as características finas costelas axiais não são discerníveis, ao invés, há cordas espirais na última volta. As costelas axiais da teleoconcha são, também, menos pronunciadas. Sua alocação no gênero *Crioturris* deve ser considerada tentativa.

*Crioturris serga* tem distribuição geográfica conhecida para o Golfo do México e o Rio de Janeiro. Nesse estudo, temos um novo registro para a Bahia.

*Crioturris citronella* tem distribuição geográfica conhecida restrita ao Maranhão, no entanto ampliou-se sua área de ocorrência para os estados da Bahia e Espírito Santo.

#### Gênero *Glyphoturris* Woodring, 1928

##### *Glyphoturris rugirima* (Dall, 1889)

Fig. 78

Material examinado: IBUFRJ 11348, sta D3 [1]; IBUFRJ 11381, sta VV22 [5]; IBUFRJ 11870, sta VV38 [8]; IBUFRJ 9895, sta C63 [1]; IBUFRJ 11869, sta C65 [1].

##### *Glyphoturris* sp.

Fig. 79

Material examinado: IBUFRJ 9801, sta VV38 [8].

Considerações: Abbott (1974); Vokes e Vokes (1983); Rios (1994) consideram *Glyphoturris* como subgênero de *Mangelia* enquanto Powell (1966); Diaz e Puyana (1994); Redfern (2001) consideram *Glyphoturris* como gênero. Segundo Powell (1966), os dois gêneros podem ser diferenciados com base em suas protoconchas, já que *Glyphoturris* apresenta metade da última volta, ou mais, com finas costelas axiais; enquanto *Mangelia* possui uma protoconcha com três

voltas, a primeira espiralmente estriada e as demais lisas. *Glyphoturris rugirima* se ajusta ao conceito deste gênero. Por outro lado, *Glyphoturris* sp. é tentativamente alocada aqui pois sua protoconcha é lisa e tem apenas 1,5 voltas.

#### Gênero *Ithycythara* Woodring, 1928

##### *Ithycythara lanceolata* (C.B. Adams, 1850)

Fig. 80

Material examinado: IBUFRJ 10418, sta C27f [1].

##### *Ithycythara pentagonalis* (Reeve, 1845)

Fig. 81

Material examinado: IBUFRJ 11854, sta VV31 [1]; IBUFRJ 11853, sta C76 [3].

##### *Ithycythara* sp. (C.B. Adams, 1850)

Fig. 82

Material examinado: IBUFRJ 11818, sta D1 [2]; IBUFRJ 11852, sta C65 [1]; IBUFRJ 10620, sta C76 [4].

Considerações: Segundo Powell (1966), a última volta da protoconcha neste gênero apresenta finas costelas axiais curvas; entretanto *Ithycythara* sp. apresenta uma protoconcha com três voltas e finas costelas axiais nas duas últimas. *Ithycythara* sp. se diferencia das demais espécies do gênero por sua conspícua ornamentação espiral. O táxon que Vokes e Vokes (1983: pl. 29, fig. 6) apresentam como *Brachycythara galae* (Fargo, 1953) pode ser esta espécie.

*Ithycythara hyperlepta* Haas, 1953 foi descrita a partir de um exemplar erodido coletado na praia e pode ser sinônimo de *I. lanceolata*, pois o exemplar que Rios (1994: pl. 57, fig. 798) ilustra como *I. lanceolata* não confere com o exemplar dessa espécie ilustrado por Kaicher (1984).

*Ithycythara pentagonalis* tem sua distribuição, antes restrita ao Amapá (RIOS, 1994), ampliada para os estados da Bahia e Espírito Santo.

#### Gênero *Thelecythara* Woodring, 1928

##### *Thelecythara mucronata* Woodring, 1928

Fig. 83

Material examinado: IBUFRJ 10235, sta C65 [1].

Considerações: O único exemplar aqui estudado apresenta teleoconcha mais esbelta que aquele ilustrado em Rios (1994: pl. 58, fig. 814). Também, segundo esse autor, a espécie é restrita ao Maranhão, passando agora, a contar com um registro mais ao sul, para o estado do Espírito Santo.

Gênero *Pyrgocythara* Woodring, 1928*Pyrgocythara candidissima* (C.B. Adams, 1845)

Figs. 84, 111

Material examinado: IBUFRJ 11885, sta VV22 [1]; IBUFRJ 9807, sta VV38 [1]; IBUFRJ 9930, sta C65 [5].

Considerações: Jong e Coomans (1988); Diaz e Puyana (1994); Redfern (2001) aloca esta espécie no gênero *Agathotoma* Cossmann, 1899. Por outro lado, Vokes e Vokes (1983); Leal (1991); Rios (1994) a aloca em *Pyrgocythara*. Segundo Powell (1966), *Agathotoma* possui protoconcha paucispiral e lisa enquanto *Pyrgocythara* possui protoconcha multiespiral com finas costelas axiais curvadas na última volta, exatamente como em *P. candidissima* (fig. 111).

Gênero *Tenaturris* Woodring, 1928*Tenaturris bartletii* (Dall, 1889)

Fig. 85

Material examinado: IBUFRJ 10800, sta C76 [2].

## Subfamília Daphnellinae Casey, 1904

Gênero *Daphnella* Hinds, 1844*Daphnella lymneiformis* (Kiener, 1840)

Fig. 86

Material examinado: IBUFRJ 11840, sta 2r [2].

*Daphnella margaretæ* Lyons, 1972

Fig. 87

Material examinado: IBUFRJ 13844, sta 13 [1].

*Daphnella stegeri* McGinty, 1955

Fig. 88

Material examinado: IBUFRJ 9098, sta C65 [1]; IBUFRJ 11842, sta 1r [3].

Comentários: A alocação genérica aqui adotada segue Abbott (1974); Kaicher (1984); Diaz e Puyana (1994). Entretanto, Rios (1994) aloca este táxon em *Eucyclotoma* Boettger, 1895, caracterizado por uma protoconcha com 2-3 liras espirais granulosas. Os exemplares examinados nesse estudo apresentam protoconcha com escultura diagonalmente cancelada em concordância com o gênero *Daphnella*.

*Daphnella margaretæ* tem seu único registro para a costa brasileira para o estado do Espírito Santo (RIOS, 1994), amplia-se sua área de ocorrência à Bahia.

Gênero *Eubela* Dall, 1889*Eubela limacina* (Dall, 1881)

Fig. 89

Material examinado: IBUFRJ 13845, sta 1f [2]; IBUFRJ 13846, sta 5r [9]; IBUFRJ 13847, sta 517 [1]; IBUFRJ 11001, sta EO517 [1].

Considerações: Conhecida para o Amapá (RIOS, 1994), amplia sua distribuição geográfica conhecida ao estado da Bahia.

Gênero *Gymnobela* Verrill, 1884*Gymnobela* aff. *streptophora* (Watson, 1886)

Fig. 90

Material examinado: IBUFRJ 4734, sta 41 [1]; IBUFRJ 5686, sta 52 [1].

*Gymnobela malmii* (Dall, 1889)

Fig. 91

Material examinado: IBUFRJ 13849, sta 41 [2]; IBUFRJ 13850, sta 52 [12].

*Gymnobela extensa* Dall, 1889

Fig. 92

Material examinado: IBUFRJ 13851, sta 19f [1]; IBUFRJ 13852, sta 41 [4]; IBUFRJ 13853, sta 52 [5]; IBUFRJ 13854, sta 509 [9].

*Gymnobela* sp.1

Fig. 93

Material examinado: IBUFRJ 13848, sta A3 [2].

? *Gymnobela* sp.2

Fig. 94

Material examinado: IBUFRJ 10953, sta C35 [1].

Considerações: *Gymnobela* aff. *streptophora* difere da ilustração original (WATSON, 1886: pl. 19, fig. 8b) por apresentar uma concha com perfil mais inflado, costelas axiais ligeiramente opistóclinas e um menor número de tubérculos na corda subsutural.

Bouchet e Warén (1980: 78-80) alocaram *G. malmii* em *Taranis* destacando que esta seria a única espécie com desenvolvimento planctotrófico do hemisfério norte. No entanto, a definição genérica de *Taranis* é clara quanto ao tipo de desenvolvimento e de ornamentação larvar. Segundo Powell (1966: 55), *Taranis* apresenta protoconcha paucispiral com, no máximo, duas voltas, superficialmente lisas, mas microscopicamente ornamentada com liras espirais muito próximas. A protoconcha de *G. malmii* apresenta três voltas e meia, as quais são diagonalmente canceladas.

ladas por finas linhas, o que se ajusta à definição genérica de *Gymnobela* (POWELL, 1966: 132, mas ver BOUCHET, 1990 para uma opinião diferente). Com relação à distribuição geográfica, este é o primeiro registro para o Atlântico Sul (Espírito Santo e Rio de Janeiro).

A forte ornamentação espiral e, em especial, a presença de uma forte quilha nodulosa arredondada faz com que a alocação genérica de ? *Gymnobela* sp. 2 deva ser considerada tentativa.

*Gymnobela extensa* havia sido coletada nas Antilhas e Golfo do México (ABBOTT, 1974), sendo os registros para os estados da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro os primeiros para águas brasileiras com profundidades variando entre 450 e 1980m.

Gênero *Pleurotomella* Verrill, 1873

*Pleurotomella aguayoi* (Carcelles, 1953)

Figs. 95, 112

Material examinado: IBUFRJ 7990, sta D2 [1]; IBUFRJ 7728, sta D3 [1]; IBUFRJ 13855, sta R1#1 [1].

*Pleurotomella circumvoluta* (Dall, 1881)

Fig. 96

Material examinado: IBUFRJ 8063, sta 41 [1].

*Pleurotomella ipara* (Dall, 1881)

Fig. 97

Material examinado: IBUFRJ 14218, sta 5r [1]; IBUFRJ 14219, sta 19f [1].

*Pleurotomella* aff. *ipara* (Dall, 1881)

Figs. 98, 113

Material examinado: IBUFRJ 11882, sta C4f [1]; IBUFRJ 14220, sta 1f [1].

*Pleurotomella* sp.

Fig. 99

Material examinado: IBUFRJ 14130, sta 1f [1].

Considerações: Carcelles (1953) descreveu *P. aguayoi* no gênero *Clathrurella* Carpenter, 1857 e Rios (1994) a incluiu no gênero *Pleurotomella*. Powell (1966); Bouchet e Warén (1980), caracterizam o gênero *Pleurotomella* pela protoconcha multiespiral esculpura por linhas axiais e espirais formando um padrão cancelado. *Pleurotomella aguayoi* apresenta protoconcha com cerca de duas voltas, inicialmente lisas, tornando-se posteriormente, ornamentada por finas costelas axiais curvas (fig. 112). Bouchet (1990) ressalta a importância de não se utilizar exclusivamente a ornamentação da protoconcha para a discriminação genérica. Assim, mesmo diferindo do padrão típico do

gênero quanto à ornamentação da protoconcha, *P. aguayoi* é mantida no gênero *Pleurotomella*.

*Pleurotomella* aff. *ipara* distingue-se de *P. ipara* por apresentar mais costelas axiais e, principalmente, pelas duas cordas espirais agudas que cortam as costelas axiais.

*Pleurotomella circumvoluta*, reportada para o Golfo do México e Itajaí, Santa Catarina, Brasil (RIOS, 1994), tem agora um registro para o estado do Espírito Santo. Já *P. ipara*, aparece em Rios (1994) com registro somente para o sul do Brasil. O material estudado é proveniente dos estados da Bahia e Espírito Santo o que nos sugere que a distribuição dessa espécie seja contínua desde o Golfo do México até as regiões situadas mais ao sul. A faixa batimétrica assinalada em Rosenberg (2004) para esta espécie inclui desde 73 até 1.170 m com nossos exemplares sendo obtidos em profundidades maiores, até 1.980 m.

Gênero *Phymorinchus* Dall, 1908

*Phymorinchus* sp.

Figs. 100, 114

Material examinado: IBUFRJ 11839, sta 2f [2]; IBUFRJ 14221, sta 52 [15].

Considerações: Segundo Powell (1966), os representantes desse gênero estão distribuídos pelo Equador, nas Ilhas Galápagos, Panamá e Pacífico Norte. Bouchet e Warén (1980) tratam de espécies situadas no Atlântico Norte, sendo este o primeiro registro de exemplares do gênero no litoral brasileiro (Bahia e Rio de Janeiro).

Gênero *Xanthodaphne* Powell, 1942

*Xanthodaphne* sp.

Fig. 101

Material examinado: IBUFRJ 14222, sta 25A [1]; IBUFRJ 14129, sta 52 [9].

Considerações: Esse gênero é conhecido para Nova Zelândia (POWELL, 1966) e todo o Atlântico Norte (BOUCHET; WARÉN, 1980). Os exemplares coletados nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro constituem-se no primeiro registro de ocorrência do gênero em nosso litoral.

Gênero *Rimosodaphnella* Cossmann, 1915

*Rimosodaphnella morra* (Dall, 1881)

Fig. 102

Material examinado: IBUFRJ 11890, sta D1 [1]; IBUFRJ 11326, sta D3 [7]; IBUFRJ 9685, sta C76 [1].



Considerações: A distribuição geográfica conhecida para essa espécie inclui Carolina do Norte (EUA), Golfo do México, Antilhas e Brasil: Rio de Janeiro-Rio Grande do Sul (RIOS, 1994). Nosso registro para os estados do Rio de Janeiro e, principalmente, Bahia nos levam a crer numa distribuição contínua ao longo de todo esse trecho entre a Flórida (EUA) e extremo sul do Brasil.

Gênero *Vepracula* Melvill, 1917

*Vepracula* sp.

Figs. 103, 115

Material examinado: IBUFRJ 11891, sta VV38 [1]; IBUFRJ 4748, sta 25 [1]; IBUFRJ 13857, sta 30 [1]; IBUFRJ 13856, sta 42 [1].

Considerações: Rios (1994: 179, pl. 59, fig. 831A) ilustra esse táxon e também o designa apenas de *Vepracula* sp. Posteriormente, Barros e Jonas (1997) identificaram esse mesmo táxon como sendo *V. tornipila* McLean & Poormann, 1971, uma espécie do Pacífico. Entretanto, o exame da ilustração do tipo (McLean & Poormann 1971: 112, fig. 53) e de sua descrição mostram que essa identificação é equivocada, tratando-se provavelmente de uma espécie ainda não descrita.

Gênero *Famelica* Bouchet & Warén, 1980

*Famelica monotropis* (Dautzemberg & Fisher, 1896)

Figs. 104, 116

Material examinado: IBUFRJ 14102, sta 4f [2].

*Famelica mirmidina* (Dautzemberg & Fisher, 1896)

Figs. 105, 117

Material examinado: IBUFRJ 14158, sta 19f [1]; IBUFRJ 14757, sta 50 [2]; IBUFRJ 14103, sta 517 [1].

Considerações: Os exemplares de *F. monotropis* e *F. mirmidina* são idênticos às ilustrações de Bouchet e Warén (1980: figs. 189 e 188, respectivamente). Em *F. monotropis* há uma quilha no ombro das voltas que é bem característica dessa espécie. Vale ressaltar que este é o primeiro registro do gênero *Famelica* para o Brasil sendo que *F. mirmidina* se distribui nos estados da Bahia e Espírito Santo enquanto *F. monotropis* é somente reportada para a Bahia.

AGRADECIMENTOS

Ao biólogo M.Sc. Paulo Márcio Santos Costa do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MNRJ) por sua valiosa contribuição à parte inicial deste trabalho, ao biólogo M.Sc. Franklin Noel dos Santos da Universidade do Estado do Rio

de Janeiro (UERJ) pelas proveitosas discussões, ao Prof. Eliézer de Carvalho Rios pelo estímulo incessante para que estudássemos os Turrídeos, Dr. James McLean (Los Angeles County Museum of Natural History) por empréstimo de material e comentários sobre a taxonomia da família Turridae. À Dra. Valéria Gomes Veloso da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) pelo empréstimo do equipamento de fotografia digital o que possibilitou a realização de boa parte das fotografias contidas neste trabalho. Aos Srs. Jonas de Brito (UERJ) e Rogério Martins (CENPES – Centro de Pesquisas da Petrobrás) pela realização das fotografias de microscópio eletrônico de varredura. Aos dois revisores anônimos pelas críticas e sugestões. Este trabalho foi parcialmente financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

- ABSALÃO, R. S. Moluscos bênticos e o Programa REVIZEE Score Central: contribuição e perspectivas. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE MALACOLOGIA, XVIII., 2003, Rio de Janeiro, RJ. **Resumos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003. p. 86-87.
- ABSALÃO, R. S.; PIMENTA, A. D.; GOMES, R. S.; CECCHETTI, F. Associações malacológicas dos substratos inconsolidados na Área de Proteção Ambiental do Arquipélago de Santana, Macaé, Rio de Janeiro. In: SILVA, S. H.; LAVRADO, H. P. (Eds.). **Ecologia dos ambientes costeiros do Estado do Rio de Janeiro. Oecologia Brasiliensis**. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Ecologia, UFRJ, 1999. v. VII. p. 2173-289.
- ABSALÃO, R. S.; CAETANO, C. H. S.; PIMENTA, A. D. Novas ocorrências de gastrópodes e bivalves marinhos no Brasil (Mollusca). **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, v. 20, n. 2, p. 323-328, 2003.
- AARTSEN, J. J. van; MENKHORST, H. P. M. G.; GITTEBERGER, E. The marine Mollusca of the Bay of Algeciras, Spain, with notes on *Mitrella*, Marginellidae and Turridae. **Basteria**, Leiden, suppl. 2, p. 1-135, 1984.
- ABBOTT, R. T. **American Seashells**. 2. ed. New York: Van Nostrand Reinhold Co., 1974. 663 p., 24 pls.
- BARROS, J. C. N. Estudo dos componentes bióticos da margem continental brasileira. I Micromoluscos dragados durante a comissão “Canopus”, entre 1965 e 1966. **Boletim do Museu de Malacologia**, Recife, v. 2, p. 57-84, 1994a.
- BARROS, J. C. N. Moluscos recentes dos recifes costeiros e de sedimentos móveis intertidais de Pernambuco e da Bahia, Brasil. **Cadernos Ômega da Universidade Federal Rural de Pernambuco**, Série Biologia, Recife, v. 4, p. 35-77, 1994b.
- BARROS, J. C. N.; JONAS, R. Neues Vorkommen von *Vepracula tornipila* McLean & Poorman, 1971 vor der Brasilianischen Küste (Mollusca: Turridae). **Scripten zur Malakozoologie**, Ostholstein, v. 10, p. 15-16, 1997.
- BARROS, J. C. N.; SANTOS, F. N.; SANTOS, M. C. F.; CABRAL, E.; ACIOLI, F. D. Redescoberta de moluscos obtidos durante a “Challenger Expedition” (1873-1876): micromoluscos de águas profundas. **Boletim Técnico-Científico do CEPENE**, Tamararé, v. 9, n. 1, p. 9-24, 2001.
- BARTSCH, P. New mollusks of the family Turridae. **Smithsonian Miscellaneous Collections**, Washington, v. 91, n. 2, p. 1-29, 8 pls., 1934.

- BOUCHET, P. Turrid genera and mode of development: the use and abuse of protoconch morphology. **Malacologia**, Philadelphia, v. 32, p. 69-77, 1990.
- BOUCHET, P.; WARÉN, A. The abyssal molluscan fauna of the Norwegian Sea and its relation to other faunas. **Sarsia**, Bergen, v. 64, p. 21-43, 1979.
- BOUCHET, P.; WARÉN, A. Revision of the northeast Atlantic bathyal and abyssal Turridae (Mollusca, Gastropoda). **Journal of Molluscan Studies**, suppl. 8, p. 1-119, 1980.
- CARCELLES, A. R. Nuevas especies de gastropodos marinos de las repúblicas oriental del Uruguay y Argentina. **Comunicaciones Zoológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo**, Montevideo, v. 4, n. 70, p. 1-16, 1953.
- CERNOHORSKY, W. O. The taxonomy of some Indo-Pacific Mollusca Pt. 12. With remarks on two american gastropod species. **Records of the Auckland Institute and Museum**, Auckland, v. 22, p. 47-67, 1985.
- DALL, W. H. Reports on the results of dredging, under the supervision of Alexander Agassiz, in the Gulf of Mexico (1877-78) and in the Caribbean Sea (1879-1880), by the U. S. Coast Survey Steamer "Blake", Lieutenant-Commander C.D. Sigsbee, U.S.N., and Commander J.R. Bartlett, U.S.N., commanding. XXIX. Report on the Mollusca. Part II Gastropoda and Scaphopoda. **Bulletin of the Museum of Comparative Zoology**, Harvard, v. 18, p. 1-492, 1889.
- JONG, K. M.; COOMANS, H. E. **Marine gastropods from Curaçao, Aruba and Bonaire**. Leiden: E. J. Brill Publishing, 1988. 261 p. 47 pls.
- DIAZ, J. M. M.; PUYANA, M. H. **Moluscos del Caribe Colombiano**. Santafé de Bogotá: Colciencias y Fundación Natura, 1994. 291 p. 37 pls.
- HEDLEY, C. A review of Australian Turridae. **Records of Australian Museum**, v. 13, n. 6, p. 213-259, 1922.
- KAICHER, S. D. **Card catalogue of world-wide shells**. Pack 39. Turridae, part 1. St. Petesburg, Florida: Kaicher, 1984.
- KAY, E. A. Turrid faunas of Pacific islands. **Malacologia**, Philadelphia, v. 32, n. 1, p. 79-87, 1990.
- KANTOR, Y. I.; SYSOEV, A. V. The morphology of Toxoglossan gastropods lacking a radula, with a description of a new species and genus of Turridae. **The Journal of Molluscan Studies**, London, v. 55, n. 4, p. 537-549, 1989.
- KILBURN, R. N. Turridae (Mollusca: Gastropoda) of southern Africa and Mozambique. Part 1. Subfamily Turrinae. **Annals of the Natal Museum**, Pietermaritzburg, v. 25, n. 2, p. 549-585, 1983.
- KILBURN, R. N. Turridae (Mollusca: Gastropoda) of southern Africa and Mozambique. Part 2. Subfamily Clavatulinae. **Annals of the Natal Museum**, Pietermaritzburg, v. 26, n. 2, p. 417-470, 1985.
- KILBURN, R. N. Turridae (Mollusca: Gastropoda) of southern Africa and Mozambique. Part 3. Subfamily Borsoniinae. **Annals of the Natal Museum**, Pietermaritzburg, v. 27, p. 633-720, 1986.
- KILBURN, R. N. Turridae (Mollusca: Gastropoda) of southern Africa and Mozambique. Part 4. Subfamily Driliinae, Crassispirinae and Strictispirinae. **Annals of the Natal Museum**, Pietermaritzburg, v. 29, p. 167-320, 1988.
- KILBURN, R. N. Notes on *Ptychobela* and *Brachytoma*, with description of a new species from Mozambique (Mollusca: Gastropoda: Turridae). **Annals of the Natal Museum**, Pietermaritzburg, v. 30, p. 185-196, 1989.
- KILBURN, R. N. Turridae (Mollusca: Gastropoda) of southern Africa and Mozambique. Part 5. Subfamily Taraninae. **Annals of the Natal Museum**, Pietermaritzburg, v. 32, p. 325-339, 1991.
- KILBURN, R. N. Turridae (Mollusca: Gastropoda) of southern Africa and Mozambique. Part 6. Subfamily Mangeliinae, section 1. **Annals of the Natal Museum**, Pietermaritzburg, v. 33, n. 2, p. 461-575, 1992.
- KILBURN, R. N. Turridae (Mollusca: Gastropoda) of southern Africa and Mozambique. Part 6. Subfamily Mangeliinae, section 2. **Annals of the Natal Museum**, Pietermaritzburg, v. 34, n. 2, p. 317-367, 1993.
- KILBURN, R. N. Turridae [s.l.] (Mollusca: Gastropoda) of southern Africa and Mozambique. Part 7. Subfamily Crassispirinae, section 2. **Annals of the Natal Museum**, Pietermaritzburg, v. 35, p. 177-228, 1994.
- KILBURN, R. N. Turridae (s.l.) of southern Africa and Mozambique (Mollusca: Gastropoda: Conoidea). Part 8. Conidae: subfamily Mangeliinae, section 3. **Annals of the Natal Museum**, Pietermaritzburg, v. 36, p. 261-269, 1995.
- LANGE DE MORRETES, F. Ensaio de catálogo dos moluscos do Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense**, Curitiba, v. 7, p. 1-226, 1949.
- LASERON, C. F. **Revision of the New South Wales Turridae**. Sidney: Royal Zoological Society of New South Wales, Australian Zoology Handbook, 1954. 50 p.
- LAVRADO, H. P. O projeto REVIZEE na Score Central: contribuição para o conhecimento da diversidade bêntica na Zona Econômica Exclusiva. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE MALACOLOGIA, XVIII., 2003, Rio de Janeiro, RJ. **Resumos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003. p. 83-85.
- LEAL, J. H. **Marine prosobranch gastropods from oceanic islands off Brazil**. Oegstgeest: Universal Book Services, Dr. W. Backhuys, 1991. 418 p.
- LYONS, W. C. New Turridae (Gastropoda, Toxoglossa) from South Florida and the eastern Gulf of Mexico. **The Nautilus**, v. 86, p. 3-7, 1972.
- MCLEAN, J. A revised classification of the Family Turridae, with the proposal of new subfamilies, genera and subgenera from the Eastern Pacific. **The Veliger**, v. 14, n. 1, p. 114-130, 1971.
- MCLEAN, J.; POORMANN, R. New species of tropical eastern Pacific Turridae. **The Veliger**, v. 14, n. 1, p. 89-113, 1971.
- MACPHERSON, J. H.; GABRIEL, C. J. **Marine molluscs of Victoria**. Melbourne: Melbourne University Press, 1962. 475 p.
- MELLO, R. L. S. Moluscos do Brasil. I. Gastropoda, Bivalvia e Scaphopoda, coletados durante as viagens do Navio Oceanográfico "Almirante Saldanha". Comissão Sul I. Considerações biogeográficas. **Boletim do Museu de Malacologia**, Recife, v. 1, p. 31-49, 1993.
- MELLO, R. L. S.; BARROS, J. C. N. Ocorrência de *Mitrolumna biplicata* Dall, 1889 (Gastropoda, Turridae) no Atlântico sudoeste, Brasil. **Boletim do Museu de Malacologia**, Recife, v. 2, p. 191-197, 1994.
- MELLO, R. L. S.; OLIVEIRA, E. R.; PINTO, S. L. Novos registros de moluscos para o Atlântico sudoeste: Pernambuco e Arquipélago de Fernando de Noronha. **Boletim do Museu de Malacologia**, Recife, v. 2, p. 147-165, 1994.
- POWELL, A. W. B. The Family Turridae in Indo-Pacific. Part I. The subfamily Turrinae. **Indo-Pacific Molluscan**, v. 1, n. 5, p. 227-345, 1964.

- POWELL, A. W. B. The Molluscan families Speightiidae and Turridae. **Bulletin of the Auckland Institute and Museum**, Auckland, v. 5, p. 1-184, 1966.
- REDFERN, C. **Bahamian Seashells: a thousand species from Abaco, Bahamas**. Boca Raton, Flórida: Bahamianseashells.com, Inc., 2001. 261 p. 124 pls.
- RIOS, E. C. **Coastal Brazilian Seashells**. Rio Grande: Ed. FURG, 1970. 255 p. 60 pls. 4 map.
- RIOS, E. C. **Brazilian Marine Mollusks Iconography**. Rio Grande: Ed. FURG, 1975. 331 p. 91 pls.
- RIOS, E. C. Nuevos hallazgos de Turrídeos para el Brasil. **Comunicaciones de la Sociedad Malacológica del Uruguay**, Montevideo, v. 6, n. 44, p. 113-116, 1983.
- RIOS, E. C. **Seashells of Brazil**. Rio Grande: Ed. FURG, 1985. 328 p. 102 pls.
- RIOS, E. C. **Seashells of Brazil**. 2. ed. Rio Grande: Ed. FURG, 1994. 368 p. 113 pls.
- ROLÁN, E.; ESPINOSA, J. El complejo *Brachyocythara biconica* (C.B. Adams, 1850) (Mollusca: Gastropoda: Turridae) em Cuba, com la descripció de una nueva especie. **Bolletino Malacologico**, Milano, v. 34, n. 1, p. 43-49, 1999.
- ROLÁN, E.; OTERO-SCHMITT, J. The family Turridae s.l. (Mollusca, Neogastropoda) in Angola, 2. Subfamily Mangeliinae Fischer, 1883. **Argonauta**, Roma, v. 8, n. 1, p. 5-26, 1999.
- ROLÁN, E.; BOYER, F. The genus *Mitrolumna* (Gastropoda, Turridae) in west Africa. **Iberus**, Madrid, v. 19, n. 1, p. 115-128, 2001.
- ROSENBERG, G. Reproducibility of results in phylogenetic analysis of mollusks: a reanalysis of the Taylor, Kantor, and Sysoev (1993) data set for conoidean gastropods. **American Malacological Bulletin**, v. 142, n. 2, p. 219-228, 1998.
- ROSENBERG, G. **Malacolog version 3.3.3**. A Western Atlantic gastropods database. [http://data.acnatsci.org/wasp]. Philadelphia: The Academy of Natural Sciences of Philadelphia, 2004.
- SIMONE, L. R. L. The anatomy of *Cochlespira* Conrad (Gastropoda, Conoidea, Turridae) with a description of a new species from the Southeastern coastal of Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, v. 16, n. 1, p. 103-115, 1999.
- TAYLOR, J. D.; KANTOR, Y. I.; SYSOEV, A. V. Foregut anatomy, feeding mechanisms, relationships and classification of the Conoidea (+ Toxoglossa) (Gastropoda). **Bulletin of the British Museum (Natural History)**, London, v. 59, p. 125-170, 1993.
- TIPPETT, D. L. A new sinistral turrinid from Brazil (Gastropoda: Turridae). **The Nautilus**, v. 97, n. 4, p. 135-138, 1983.
- TIPPETT, D. L. Taxonomic notes on western Atlantic Turridae (Gastropoda: Conoidea). **The Nautilus**, v. 109, n. 4, p. 127-138, 1995.
- VOKES, H. E.; VOKES, E. H. **Distribution of shallow-water marine Mollusca, Yucatan Peninsula, Mexico**. New Orleans: Tulane University Press, 1983. 183 p. 50 pls.
- WATSON, R. B. Report on the Scaphopoda and Gasteropoda collected by H.M.S. Challenger during the years 1873-1876. **Report on the scientific results of the voyage of H.M.S. Challenger during the years of 1873-1876**. v. 15, part 42, 756 p., 53 pls., 1886.
- WELLS, F. E. A revision of the Recent Australian species of the turrinid genera *Clavus*, *Plagiostropha* and *Tylotiella* (Mollusca: Gastropoda). **Journal of the Malacological Society of Australia**, v. 12, p. 1-33, 1991.
- WELLS, F. E.; BRYCE, C. W. **Seashells of Western Australia**. Perth: Western Australia Museum, 1988. 40 p.
- WOODRING, W. P. Miocene mollusks from Bowden, Jamaica. Part II. Gastropoda and discussion of results. **Carnegie Institute of Washington Publications**, v. 385, vii + 564 p., 1928.

**Figs. 1-15.** Subfamília Clavinae: **1.** IBUFRJ 7905: *Brachytoma rioensis*, 5,0 mm; **2.** IBUFRJ 11823: *Cerodrillia thea*, 14,2 mm; **3.** IBUFRJ 11825: *Cerodrillia* aff. *thea*, 18,0 mm; **4.** IBUFRJ 9066: *Cerodrillia clappi*, 7,1 mm; **5.** IBUFRJ 11841: *Cerodrillia* sp., 7,7 mm; **6.** IBUFRJ 14165: *Clathrodrillia minor*, 25,0 mm; **7.** IBUFRJ 14206: ? *Clathrodrillia lophoesa*, 9,0 mm; **8.** IBUFRJ 10099: *Clathrodrillia* sp., 20,0 mm; **9.** IBUFRJ 11002: *Drillia* aff. *oleacina*, 10,8 mm; **10.** IBUFRJ 12020: *Drillia marmarina*, 13,4 mm; **11.** IBUFRJ 10623: *Drilliola loprestiana*, 8,1 mm; **12.** IBUFRJ 11845: *Fenimorea fucata*, 24,3 mm; **13.** IBUFRJ 11846: *Fenimorea halidorema*, 18,7 mm; **14.** IBUFRJ 7689: *Fenimorea* sp. 1, 31,5 mm; **15.** IBUFRJ 14131: *Fenimorea* sp. 2, 4,2 mm.

**Figs. 16-25.** Subfamília Clavinae. **16.** IBUFRJ 10983: *Inodrillara* sp. 1, 5,3 mm; **17.** IBUFRJ 10984: *Inodrillara* sp. 2, 6,0 mm; **18.** IBUFRJ 9064: *Leptadrillia splendida*, 11,4 mm; **19.** IBUFRJ 14207: *Leptadrillia* sp. 1, 11,0 mm; **20.** IBUFRJ 11860: *Leptadrillia* sp. 2, 7,7 mm; **21.** IBUFRJ 14208: *Leptadrillia* sp. 3, 8,0 mm; **22.** IBUFRJ 14144: *Neodrillia cydia*, 10,3 mm; **23.** IBUFRJ 10976: *Spirotropis lithocolleta*, 4,1 mm; **24.** IBUFRJ 10438: *Splendrillia coccinata*, 9,7 mm; **25.** IBUFRJ 10992: *Typhlomangelia nivalis*, 38,4 mm. **Figs. 26-27.** Subfamília Turrinae: **26.** IBUFRJ 11849: *Gemmula periscelida*, 24,0 mm; **27.** IBUFRJ 11883: *Polystira coltrorum*, 70,3 mm. **Fig. 28.** Subfamília Taraninae: (28) IBUFRJ 14101: *Taranis* sp., 6,2 mm.

**Figs. 29-38.** Turriculinae. **29.** IBUFRJ 11000: *Cochlespira elongata*, 29,6 mm; **30.** IBUFRJ 14116: *Knefastia horrenda*, 53,9 mm; **31.** IBUFRJ 14209: *Leucosyrinx pelagia*, 10,0 mm; **32.** IBUFRJ 11887: *Pyrgospira ostrearum*, 15,0 mm; **33.** IBUFRJ 9863: *Pyrgospira fuscencens*, 9,8 mm; **34.** IBUFRJ 9058: *Pyrgospira tampaensis*, 22,4 mm; **35.** IBUFRJ 11827: *Stenodrillia gundlachi*, 25,5 mm; **36.** IBUFRJ 11832: *Stenodrillia haliostrephis*, 16,9 mm; **37.** IBUFRJ 7975: *Stenodrillia acestra*, 15,1 mm; **38.** IBUFRJ 11831: *Stenodrillia eucosmia*, 10,5 mm.

**Figs. 39–48.** Subfamília Crassispirinae: **39.** IBUFRJ 9218: *Buchema liella*, 9,6 mm; **40.** IBUFRJ 11822: *Buchema* aff. *liella*, 10,3 mm; **41.** IBUFRJ 11819: *Buchema tainoa*, 10,5 mm; **42.** IBUFRJ 10699: *Buchema* sp. 1, 9,3 mm; **43.** IBUFRJ 11820: *Buchema* sp. 2, 9,1 mm; **44.** IBUFRJ 11821: *Buchema* sp. 3, 12,7 mm; **45.** IBUFRJ 10931: *Crassipira premorra*, 12,4 mm; **46.** IBUFRJ 10022: *Hindsiclava appellii*, 26,8 mm; **47.** IBUFRJ 10500: *Lioglyphostoma jousseaumei*, 8,4 mm; **48.** IBUFRJ 10968: *Lioglyphostoma* sp., 9,4 mm.

**Figs. 51-54.** Subfamília Bosoninae: **51.** IBUFRJ 14118: *Borsonia* cf. *syngenes*, 27,8 mm; **52.** IBUFRJ 11826: *Borsonia* cf. *silicea*, 22,1 mm; **53.** IBUFRJ 14119: *Borsonia* sp., 3,2 mm; **54.** IBUFRJ 14124: *Darbya* cf. *lira*, 35,1 mm. **Figs. 55-61.** Subfamília Mitroluminae: **55.** IBUFRJ 10592: *Mitromorpha* sp., 3,4 mm; **56.** IBUFRJ 12859: *Mitrolumna biplicata*, 4,6 mm; **57.** IBUFRJ 14215: *Mitrolumna* sp. 1, 14,5 mm; **58.** IBUFRJ 11872: *Mitrolumna* sp. 2, 4,0 mm; **59.** IBUFRJ 11876: *Mitrolumna* sp. 3, 4,2 mm; **60.** IBUFRJ 14217: *Mitrolumna* sp. 4, 4,0 mm; **61.** IBUFRJ 10928: *Mitrolumna* sp. 5, 6,4 mm.

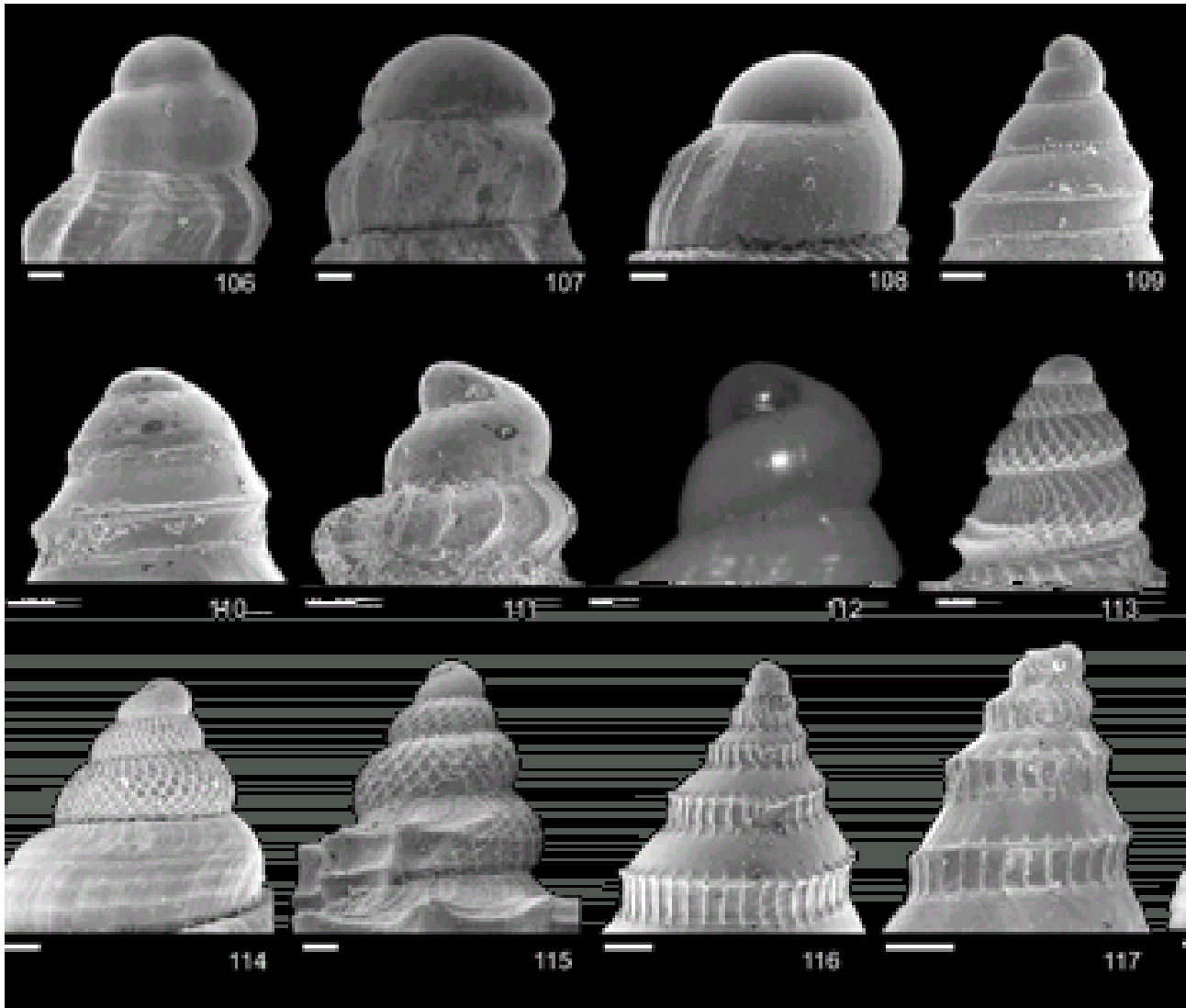


**Figs. 62-67.** Subfamília Chlaturelinae: **62.** IBUFRJ 9094: *Glyphostoma elsaе*, 13,3 mm; **63.** IBUFRJ 14125: *Glyphostoma epicasta*, 22,0 mm; **64a.** IBUFRJ 14126: *Glyphostoma golfoyaquense*, 17,7 mm; **64b.** IBUFRJ 10978: *Glyphostoma golfoyaquense*, 9,0 mm; **65.** IBUFRJ 9689: *Nannodiella vespuciana*, 3,4 mm; **66.** IBUFRJ 10936: *Corinnaeturris rhysa*, 9,4 mm; **67.** IBUFRJ 10958: *Corinnaeturris* sp., 4,5 mm. **Figs. 68-71.** Subfamília Mangellinae: **68.** IBUFRJ 13858: *Acmaturris brisis*, 4,6 mm; **69.** IBUFRJ 14122: *Benthomangelia macra*, 14,1 mm; **70.** IBUFRJ 11833: *Benthomangelia* sp. 1, 3,3 mm; **71.** IBUFRJ 14123: ? *Benthomangelia* sp. 2, 16,7 mm.

**Figs. 72-85.** Subfamília Mangellinae: **72.** IBUFRJ 11864: *Brachycythara biconica*, 3,4 mm; **73.** IBUFRJ 14128: *Crioturris serga*, 5,5 mm; **74.** IBUFRJ 9659: *Crioturris* aff. *diadema*, 3,6 mm; **75.** IBUFRJ 11817: *Crioturris citronella*, 3,6 mm; **76.** IBUFRJ 10429: *Cryoturris* cf. *fargoi*, 13,0 mm; **77.** IBUFRJ 11834: *Crioturris* sp., 4,1 mm; **78.** IBUFRJ 11870: *Glyphoturris rugirima*, 3,9 mm; **79.** IBUFRJ 9801: *Glyphoturris* sp., 3,4 mm; **80.** IBUFRJ 10418: *Ithycythara lanceolata*, 9,0 mm; **81.** IBUFRJ 11853: *Ithycythara pentagonalis*, 7,3 mm; **82.** IBUFRJ 11818: *Ithycythara* sp., 3,4 mm; **83.** IBUFRJ 10235: *Thelecythara mucronata*, 7,4 mm; **84.** IBUFRJ 9930: *Pyrgocythara candidissima*, 4,3 mm; **85.** IBUFRJ 10800: *Tenaturris bartletii*, 7,3 mm.

**Figs. 86-94.** Subfamília Daphnelinae: **86.** IBUFRJ 11840: *Daphnella lymneiformis*, 16,4 mm; **87.** IBUFRJ 13844: *Daphnella margaretae*, 3,0 mm; **88.** IBUFRJ 11842: *Daphnella stegeri*, 14,0 mm; **89.** IBUFRJ 13847: *Eubela limacina*, 6,7 mm; **90.** IBUFRJ 4734: *Gymnobela* aff. *streptophora*, 3,2 mm; **91.** IBUFRJ 13849: *Gymnobela malmii*, 2,1 mm; **92.** IBUFRJ 13854: *Gymnobela extensa*, 4,2 mm; **93.** IBUFRJ 13848: *Gymnobela* sp. 1, 11,0 mm; **94.** IBUFRJ 10953: ? *Gymnobela* sp. 2, 9,0 mm.

**Figs. 95-105.** Subfamília Daphnelinae: **95.** IBUFRJ 13855: *Pleurotomella aguayoi*, 18,0 mm; **96.** IBUFRJ 8063: *Pleurotomella circumvoluta*, 5,2 mm; **97.** IBUFRJ 14218: *Pleurotomella ipara*, 3,4 mm; **98.** IBUFRJ 11882: *Pleurotomella* aff. *ipara*, 2,5 mm; **99.** IBUFRJ 14130: *Pleurotomella* sp., 4,6 mm; **100.** IBUFRJ 11839: *Phymorinchus* sp., 4,0 mm; **101.** IBUFRJ 14129: *Xanthodaphne* sp., 8,0 mm; **102.** IBUFRJ 9685: *Rimosodaphnella morra*, 7,0 mm; **103.** IBUFRJ 13856: *Veprecula* sp., 4,5 mm; **104.** IBUFRJ 14102: *Famelica monotropis*, 3,5 mm; **105.** IBUFRJ 14103: *Famelica mirmidina*, 7,8 mm.



**Figs. 106-114.** Protoconchas: **106.** IBUFRJ 14131: *Fenimorea* sp. 2; **107.** IBUFRJ 10984: *Inodrillara* sp. 2; **108.** IBUFRJ 14101: *Taranis* sp.; **109.** IBUFRJ 9689: *Nannodiella vespuciana*; **110.** IBUFRJ 10958: *Corinnaeturris* sp.; **111.** IBUFRJ 9930: *Pyrgocythara candidissima*; **112.** IBUFRJ 13855: *Pleurotomella aguayoi*; **113.** IBUFRJ 11882: *Pleurotomella* aff. *ipara*; **114.** IBUFRJ 11839: *Phymorinchus* sp. **Fig. 115.** IBUFRJ 13856: *Veprecula* sp. **Fig. 116.** IBUFRJ 14102: *Famelica monotropis*. **Fig. 117.** IBUFRJ 14103: *Famelica mirmidina*. Barras de escala: **Figs. 106-115:** 100  $\mu$ m; **Figs. 116-117:** 200  $\mu$ m.